

**PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS**

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
**PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL**

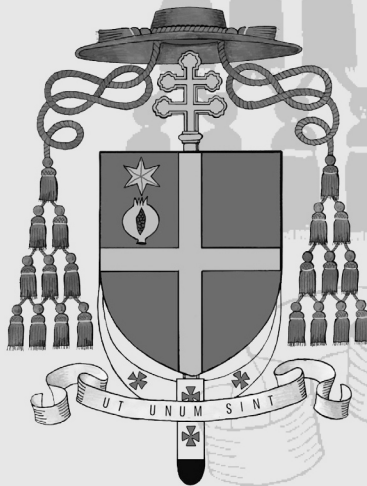
AUTORIZAÇÃO DE 06332006ATO/RSC

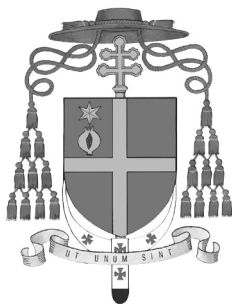


TAXA PAGA
PORTUGAL
MAXIMINOS • BRAGA

ação católica

ÓRGÃO OFICIAL DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA





ação católica



ÓRGÃO
OFICIAL
DA ARQUIDIOCESE
DE BRAGA

Director

P. Domingos da Silva Araújo

Proprietária e Editora

Arquidiocese de Braga
NIPC 500 793 018

Redação

Casa Sacerdotal
Rua de S. Domingos, 109
4710-435 Braga
Telef. 253 205 200
914 574 913

E-mail: silvaaraujo@diocese-braga.pt

Administração

Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga
Rua de S. Domingos, 94 B
4710-435 Braga
Telefone 253 203 180
Fax 253 203 190

Preço

Assinatura anual 25,00 €
Número avulso 5,00 €

Composição e impressão

Empresa do Diário do Minho
Limitada
Rua de Santa Margarida, 4
4710-306 Braga

Tiragem

770 exemplares

Depósito Legal

N.º 1712/83

Número de inscrição no ICS:

100 305

SUMÁRIO

Apresentação 513

1. IGREJA DIOCESANA

1 – Dos nossos Pastores

O tempo do sacerdote é dos outros 517

Toalha cingida 521

Sempre de toalha cingida 522

Nunca estarás só 525

A morte nunca vence a vida 529

Eliminar os sinais da morte 531

Páscoa, plenitude da vida 535

Um trabalho de muitas mãos 539

Conquistar a vida todos os dias 540

Atividades pastorais:

abril/2015

D. Jorge 544

D. Francisco Senra 546

2 – Serviços Centrais

Comissão Administrativa 548

Decretos de extinção de entes canónicos ... 549

Provisões a corpos gerentes 554

3 – Programa Pastoral

Informações diversas 578

Agenda para junho 580

4 – Clero e Seminários

Sacerdotes recordados

em Quinta-Feira Santa 582

Notícias diversas 583

continuação do índice no verso da contra-capas

Aiores

Apresentação

Apresentação

Neste número de *Ação Católica* o destaque vai para Bula *Misericordiae Vultus*, com que o Papa Francisco proclama o Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Do Santo Padre publicamos também o texto da homilia que proferiu na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa; a Mensagem *Urbi et Orbi* dirigida em dia de Páscoa; uma carta ao Prepósito-Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços por ocasião dos 500 anos do nascimento de Santa Teresa de Jesus; a mensagem para o Dia Mundial das Vocações; três catequeses sobre o matrimónio e a família.

Publicamos, do senhor Arcebispo Primaz, as homilias proferidas na Missa Crismal, na Missa da Ceia do Senhor, na Adoração da Cruz, na Vigília Pascal, na Bênção dos finalistas da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão e da Escola Superior de Saúde do Vale do Ave. Publicamos também reflexões na oração de Laudes de Sexta-Feira Santa e de Sábado Santo e um texto que escreveu a propósito do 96.º aniversário do jornal «Diário do Minho».

Da Conferência Episcopal Portuguesa publicamos o comunicado saído da última assembleia plenária e uma Nota sobre a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima às várias dioceses do País.

Damos notícia da proclamação de S. Gregório de Narek como Doutor da Igreja e da publicação de um livro sobre S. José, da autoria do Cónego Manuel Fernando Sousa e Silva.

O Diretor

1.

Igreja Diocesana

1. Dos nossos Pastores

O tempo do sacerdote é dos outros

*Homilia do senhor D. Jorge Ortiga na Missa
Crismal de Quinta-Feira Santa.*

Mesmo alertado para um pessimismo na leitura da realidade, creio que somos unânimes em reconhecer que algumas franjas da sociedade apresentam um rosto de tristeza e, muitas vezes, de verdadeira aflição. Todos nós conhecemos situações dramáticas por razões estruturais. O desemprego impede uma vida com qualidade, a instabilidade familiar cria situações de sofrimento, a pobreza cresce com artifícios para camuflar a vergonha, a exclusão social origina vidas sem sentido, a ânsia do gozo imediato suscita frustrações, ilusões e outras situações complexas. Cenários motivados por questões estruturantes em tempos de crise e de indiferença.

É neste mundo intricado, onde por vezes não se vislumbram hipóteses de saída, que vivemos o nosso sacerdócio. Seria, todavia, pedante da nossa parte pensar que estamos em condições de resolver todos estes problemas. Do mesmo modo como seria irrealista supor que um mundo envolto pela presença de Deus significaria, sem mais, um mundo pacífico e humanizado. O livro do Genesis é límpido

ao mostrar que nem o «espírito de Deus que se movia sobre as águas» (Gn 1, 2) nem um jardim com a «árvore da sabedoria» (cf. Gn 3, 4-5) impediu que o mal semeasse a dúvida fratricida do «acaso serei eu guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9).

Como escreveu Simone Weil, «nada no mundo pode impedir o homem de se sentir nascido para liberdade» (Opressão e Liberdade). Nem Deus pode, nem quer, subtrair ao Homem a liberdade que Ele próprio lhe concedeu como dom ao sexto dia da criação.

Mas, e importa que nunca o esqueçamos, a ação de Deus dá-se no mundo segundo o princípio da solidariedade. O Homem toma parte da ação divina de curar e santificar a realidade humana. A primeira leitura, do livro de Isaías, recorda-nos precisamente que o sacerdote é ungido por Deus para derramar a Sua graça sanante. «O Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos infelizes, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a proclamar o ano da graça do Senhor» (cf. Is 61, 1). Vocação maravilhosa! Não está no poder ou no reconhecimento. Dá alegria quando assimilamos o mundo com os seus problemas sem nunca nos deixarmos possuir por ele. Trata-se de caminhar talvez contra-corrente, ao encontro de tudo o que é verdadeiramente humano e colocar sempre a luz da esperança.

No espírito do nosso ano pastoral, particularmente dedicado às Obras de Misericórdia, gostaria que os presbíteros da nossa Arquidiocese assumissem para si a tarefa de derramar o «óleo da alegria» dando de beber a quem tem sede e consolando os tristes.

O que nos pedem estas duas obras de misericórdia? Cada um deve extrair interpelações para si. Partilho apenas algumas observações. O verbo consolar, *parakaleîn*, significa em primeiro lugar «chamar para junto de si», «mandar chamar» e só depois «exortar» e «consolar». Pela consolação, procura criar-se proximidade, quebrar as barreiras da indiferença e afastamento, procura dizer-se «estou aqui ao teu lado». Consolar não é, portanto, dizer que está ou que ficará tudo bem. Consolar é sofrer-com, assumir visceralmente os dramas humanos, sem refúgios, em atitude de verdadeira identificação

com a pessoa, para depois, em conjunto, desvendarem-se sinais de recomeço e compromissos de entreajuda.

E quantos dramas ou tristezas, algumas de difícil percepção, habitam as nossas comunidades: a realidade da morte de alguém com o luto a invadir o seu interior, o sofrimento físico ou espiritual que nem sempre mostra as lágrimas, o flagelo da solidão muito marcante na velhice, o bullying juvenil, os dramas interiores de filhos perdidos em caminhos duvidosos, os compromissos económicos que sufocam o sossego diário, a amargura de uma vida matrimonial destruída. São muitos os corações aflitos e tristes que batem às nossas portas ou existem nas nossas comunidades.

Como pode o sacerdote consolar os tristes? Creio que o poderá fazer oferecendo algo tão precioso quanto raro: o seu tempo. O presbítero deve encontrar tempo para estar com as pessoas, tempo para ouvir, emocionar-se, tempo para percorrer as ruas e entrar nas casas, tempo para conhecer a vida através da escuta demorada e sem a preocupação de respostas imediatas. As situações de luto com as quais lidamos permanentemente são, a título de exemplo, campo fértil para se promover um olhar cristão sobre a realidade. Não será grande a tristeza de quem é incapaz de compreender o mistério da morte?

Estou convencido, por outro lado, que a generalidade das pessoas tem sede de sentido e de inteligibilidade para tantas questões que povoam o seu espírito. Sem desconsiderar ou desvalorizar o ateísmo, a sede de sentido é uma sede de Deus. Diz o Slm 42, «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?». E continua «a minha alma está abatida: por isso, penso muito em ti» (Slm 42, 7). Consolar os tristes é falar-lhes de Deus pela Palavra meditada e aprofundada teologicamente e pelo testemunho silencioso da fé, pessoal e comprometida, que marca todo o nosso existir. Decerto alguns poderão dizer que isto é um aproveitamento da fragilidade, espiritualidade evasiva ou até um placebo existencial. Mas dar água a quem tem sede é adiar a morte ou restituir-lhe a vida?

Esta sede de Deus, de tipo espiritual, não deve distrair-nos da necessidade de, materialmente, dar de beber a quem tem sede e de comer a quem tem fome. Sei que é tarefa ingente e demasiado grande para respondermos sozinhos. Mas não temos de o fazer dessa forma. Creio, por isso, que é fundamental, este ano, revitalizarmos os grupos sócio-caritativos nas paróquias. Reconheço o profissionalismo dos centros sociais e o serviço de verdadeira caridade. Mas estes não esgotam a dimensão caritativa da Igreja. Como bem recordou Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*, a «caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata» (n. 31). A imediatez nas respostas é quotidiana e exige, muitas vezes, agilidade na acção. Serão as IPSS, atendendo ao seu peso institucional, capazes de oferecer uma resposta adequada? Não haverá muita necessidade para além das paredes dessas instituições?

Creio, por isso mesmo, que este é o tempo de suscitar um novo voluntariado cristão. Um voluntariado organizado, eficaz, que se prolongue no tempo, e que seja a diaconia da Igreja em alerta permanente. As comunidades devem ser capazes de ouvir o grito do povo para a todos oferecerem o abraço de Deus. Há muitos leigos com tempo e capacidade. Confiemos e mostremos, concretamente, a alegria de ser comunidade corresponsável.

Queremos que a fé se expresse na caridade como tarefa de todos os cristãos. O povo aprenderá com os gestos do sacerdote, alguém que sabe encontrar tempo para estar consigo e com Deus. Mas que também reconhece que o amor não é mera consolação interior, mas sim algo que inquieta e obriga a estar fora numa atenção de dedicação permanente sem nunca se cansar de ser tudo para todos. A fé do sacerdote passa por um amor alegre e sem barreiras. Assim o consigamos testemunhar.

Toalha cingida

Texto lido pelo senhor D. Jorge na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, na Sé, antes de proceder ao lava-pés.

Encontramo-nos no centro do Ano Litúrgico e, consequentemente, do Ano Pastoral. A Quinta-feira Santa deve ser, a partir da Sé Catedral, um momento emblemático e de particular significado para os cristãos e comunidades.

O gesto do lava-pés e a escolha intencional daqueles que participaram ativamente neste gesto encerra um tríplice significado: gratidão, compromisso e reconhecimento.

– Gratidão a todos quantos trabalham nos corredores da misericórdia: cadeias, casas de saúde (particularmente casas de saúde mental), casas de acolhimento de mães solteiras e instituições de cariz social.

– Compromisso reconhecido em muitos profissionais e voluntários que quotidianamente oferecem esperança ao mergulharem nos dramas humanos. São apenas alguns exemplos: uma mãe solteira, dois doentes mentais, duas pessoas acolhidas em instituições de solidariedade, um recluso.

– Reconhecimento, em nome da Igreja e da sociedade, a tantos que entregam, generosamente, a sua vida para que as cruzes se aliçiem. Damos particular relevo a um consagrado e uma consagrada. Estamos no Ano da Vida Consagrada. Urge reconhecer o que as Congregações realizaram ao longo da história em prol da humanidade. Hoje revigoram o seu carisma e continuam a manifestar a beleza do amor de Deus que se oferece no silêncio e na entrega.

O gesto do lava-pés deve sair da Catedral e estender-se a muitas outras situações da humanidade. Façamos com que o em-

blema da Igreja de Braga seja a toalha cingida para poder servir generosamente o mundo.

As doze pessoas a quem o senhor Arcebispo lavou os pés eram representantes e utentes da Casa de Saúde do Bom Jesus – Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus; Casa de Saúde de S. João de Deus – Ordem de S. João de Deus; Colégio de S. Caetano – La Salle; Lar de S. José; Instituto Mons. Airosa; Estabelecimento Prisional Regional de Braga.

Sempre de toalha cingida

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na Missa Vespertina da Ceia do Senhor.

Foi minha intenção, com a mensagem da Quaresma que dirigi a toda a Arquidiocese, sublinhar algumas intuições recentes do Santo Padre. Recordei que a grande doença da sociedade moderna é a indiferença e a insensibilidade, não apenas no sentido religioso, mas sobretudo no âmbito social.

Os meios de comunicação social informam-nos diariamente sobre o estado do país e sobre a realidade do mundo. Mas, curiosamente, não sabemos o que se passa ao nosso lado, no nosso bairro, no nosso prédio. Sabemos o nome das personalidades públicas, mas desconhecemos o nome do vizinho, ao lado do qual moramos há 10 anos.

O século XXI parece ser o tempo das vidas paralelas. E este caminho da iliteracia emocional, desta insensibilidade, atingiu hoje patamares chocantes.

A sociedade vive tão absorvida pelos seus afazeres que, com facilidade, se esquece que a vida deve ser gozada em plenitude.

Corre-se sem saber bem para onde e não há tempo para criar proximidade nem detectar necessidades evidentes ou problemas ocultos. Ficamos preocupados com o aumento dos casos de depressão.

Interrogamo-nos até como é possível tal acontecer a pessoas que, humanamente falando, têm tudo ao seu dispor. Outras vezes alarmamo-nos com os suicídios ou mesmo homicídios que têm de negro a sociedade. São, por isso, elucidativas as palavras do Papa Francisco: “Hoje a atitude egoísta da indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de globalização da indiferença”.

Nesta celebração do amor, quero recordar duas Obras de Misericórdia: 1. Dar de comer a quem tem fome; 2. Dar bons conselhos.

Felizmente, indiferentes é algo que não conseguimos ser perante a bela liturgia desta Quinta-feira Santa. Graças a ela sentimos a alegria do encontro de Cristo com os seus discípulos na sala do Cenáculo, apesar das dificuldades que se previam. Com enorme lucidez, Jesus intuiu as necessidades dos Apóstolos, realizou gestos pedagógicos e deu-lhes um bom conselho: “dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também” (Jo 13, 15). Dar bons conselhos, para Jesus, não consistiu num discurso moralista de reprimenda ou de condenação. Sabia que os Apóstolos necessitavam de sentir o seu amor num gesto que não compreenderiam mas que deveriam viver.

Já o livro de Ben-Sirá nos avisava. “Diante de um conselheiro, põe-te alerta; vê primeiro quais são os seus interesses” (Sir 37, 8). Infelizmente não faltam conselheiros com interesses ocultos. Aconselhar é uma arte sapiencial que exige uma humildade incomensurável. Nenhum conselheiro é onisciente e domina todas as contornos da realidade. Requer-se, por conseguinte, um olhar arguto e ponderado; uma análise séria da realidade e da situação existencial do aconselhado para, depois, propor caminhos acertados.

Talvez o mundo necessite de ouvir com humildade um bom conselho do Papa Francisco. “Desejo que os lugares onde a Igreja

se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença”. O que são as ilhas de misericórdia? De um modo muito simples, é o amor humano na sua visibilidade e realismo, afectivo e efectivo, verdadeiramente operativo e transformador das realidades humanas, como recordava o Sumo Pontífice na sua Mensagem Quaresmal.

Outra ilha de caridade é a obra de misericórdia “dar de comer a quem tem fome”. A fome hoje tem diversos nomes e está patente aos olhos de todos. É o escândalo do século XXI e não pode ser tolerado. Ao celebrarmos o dom da Eucaristia, necessitamos que o pão seja repartido a partir do altar. Acolhemo-lo sacramentalmente e fazemos com que no relacionamento com as pessoas Ele continue a ser repartido com generosidade e verdadeiro conhecimento das situações.

Mas quem poderá constituir-se como um agente deste itinerário específico e embaixador destas obras de misericórdia? Gostaria de atribuir esta responsabilidade, particularmente em Ano da Vida Consagrada, aos Religiosos Consagrados. Todos nos recordamos como, no passado, era frequente que as pessoas recorressem aos conventos, de freiras e de frades, para pedirem conselhos ou ajuda em momentos de aflição. A porta dos conventos era a “porta aberta da consolação”. Não estou em condições de afirmar até que ponto este cenário acontece nos nossos dias. Sei, todavia, que o potencial é imenso e muito se poderá fazer.

A disponibilidade para edificar o reino deve fazer-se carne nestas atitudes de acolhimento, de aconselhamento e de dar de comer a quem necessita. Não basta, porém, que cada convento tenha os seus pobres ou as pessoas a quem respondem a dúvidas. O tempo actual exige uma resposta mais abrangente e articulada com as paróquias e com as dioceses. Só assim o testemunho será eloquente.

A fome não permite desculpas. Hoje, mais do que nunca, teremos de apostar numa reflexão séria sobras as suas causas. Urge lançar as bases de um mundo fraterno onde cada um luta e trabalha para

ter uma vida digna, sempre com o braço amigo de uma Igreja diocesana solícita e atenta. Trabalhem de mãos dadas.

Em Quinta-feira Santa, perante o mandato do Senhor de nos amarmos como Ele nos amou, e com o Seu exemplo de querer continuar a lavar os pés, deixo a responsabilidade de construirmos uma Igreja que dá de comer a quem tem fome, reconhecendo que a fome também pode estar nas dúvidas ou nas interrogações. Não esqueçamos que dar bons conselhos tem uma dupla vertente. Em primeiro lugar, ser capaz de perguntar nos momentos de perplexidade é uma atitude tipicamente cristã.

Há por aí tanto orgulho estampado no rosto de quem sabe tudo e caminha para o precipício. Depois, ir ao encontro dos duvidosos, não para impor respostas mas para ouvir silenciosamente, é o modo de viver a fé neste tempo de aflições e interrogações.

Que o amor cristão nos inspire a tal e nos leve a andar de toalha na cintura para distribuir pão aos famintos e limpar as lágrimas de tantos tristes.

Nunca estarás só

Reflexão do senhor D. Jorge Ortiga na oração de Laudes de Sexta-Feira Santa.

São sombrios os tons desta catedral. Mesmo à luz da fé não é fácil, para muitos, descortinar o sentido da vida. Há muitas pessoas mergulhadas na solidão. Pessoas de todas as idades e condições. As escolas mostram-nos jovens sem companhias fraternas.

Nas casas há pais que nunca experimentaram o conforto de uma palavra que lhes dê serenidade. Os idosos fecham-se nas suas memórias, recordando os trabalhos duros e pesados que realizaram

no passado sem qualquer espécie de reconhecimento no presente. Os nossos hospitais estão repletos de pessoas sem o aconchego familiar ou as carícias de presenças amigas. Tantas situações de solidão onde não há ninguém que ofereça um simples chá ou copo de água.

Uma dor semelhante acompanhou Jesus no jardim das oliveiras. Pouco antes de se retirar em oração, disse a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu: “A minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26, 38). Passados breves minutos, voltando para junto deles, encontrou-os a dormir e desabafou “Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo!” (Mt 26, 40). A um homem que cai com a face por terra, e com a sua alma numa tristeza de morte, apenas a solidão lhes fez companhia.

Depois, uma vez preso e confrontado com acusações infundadas, deparou-se novamente com a solidão e o sofrimento. Pedro ficou relutante, com medo. Pedro foi um espectador sem a força interior necessária para defender a amizade que o vinculava a Cristo. Uma fraqueza que o conduziu fatalmente à mentira e à negação da verdade.

Infelizmente, Jesus não foi caso único mas, dadas as suas circunstâncias singulares, gerou uma carga empática como nenhum outro. Diz a Sagrada Escritura que “tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido toda a aparência de ser humano” (cf. Is 52, 14). É o sofrimento estampado em muitos rostos desvirtuados que não encontram quem seja capaz de os olhar e fitar demoradamente nos olhos.

Os investigadores do mundo da saúde são cada vez mais consensuais em distinguir a dor do sofrimento. A dor física, a dor neuropática, é um fenómeno biológico e tem sempre tratamento. Não existe dor que não seja tratável. Nos casos mais extremos podemos, inclusive, falar de cuidados paliativos. Acontece, todavia, que por vezes essa dor física é acompanhada de sentimentos interiores e psicológicos, como por exemplo a angústia, a depressão, a ansiedade, a solidão ou falta de sentido

para a vida. Isto significa que existem diversos sofrimentos que nada têm a ver com a dor.

Basta pensar no sofrimento prolongado que se sente pela perda de um ente querido.

Perante este Evangelho e a notória solidão de Jesus, gostaria de pedir a todos os cristãos, mas de um modo particular a quem trabalha no mundo da saúde e aos agentes da pastoral da saúde da nossa Arquidiocese, uma atenção redobrada a duas obras de misericórdia: 1. Assistir os doentes; 2. Ensinar os ignorantes.

Um dos episódios clássicos, na Sagrada Escritura, sobre a doença é a vida de Job. Recordo apenas aqui a conversa e a atitude dos amigos de Job que procuraram encontrar alguma lógica numa situação particularmente irracional. Os seus amigos foram ter com Job cheios de certezas, defenderam Deus e acusaram Job de ser o culpado da sua situação. Querendo consolar, acabam por ser chamados de “consoladores inoportunos” (Jo 16, 2). Porquê inoportunos? Porque presumem que sabem melhor do que o doente aquilo de que ele próprio precisa.

Se é importante e necessário assistir os doentes, o modo como o fazemos deve ser pretexto para nos examinarmos. Para assistir um doente em sofrimento e solidão é necessário sobretudo escutar. Escutar com tempo e paciência. É necessário aceitar o doente na sua situação, com os seus limites, e respeitar o seu espaço. Dito de outro modo. A nossa presença deverá ser oportuna, pacificadora, aberta e evitando enfadar sem necessidade aquele que já se encontra em sofrimento. As nossas palavras devem, também, ser de esperança, breves. Palavras de quem faz caminho com o doente e não de quem se coloca, insensatamente, na posição do mestre. Por fim, e sem medo, as nossas palavras poderão ser também as de Jesus, isto é, palavras de oração e bênção.

Há alturas em que, perante a fragilidade, só o crucificado se revela como força para o caminho. Como dizia S. Paulo: “quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Cor 12, 10).

Este não é um trabalho exclusivo dos profissionais da saúde. Creio que também nas paróquias são necessários voluntários que dêem um pouco do seu tempo livre em favor dos que se encontram sozinhos. Uma comunidade que não se esquece dos esquecidos é uma comunidade que nunca será esquecida. Como cristão da minha comunidade posso e devo fazer muito pelos doentes.

A segunda obra de misericórdia, ensinar os ignorantes, pode enquadrar diversas dimensões. Em primeiro lugar, significa esclarecer os conteúdos da fé, ajudar a alcançar uma fé madura que seja capaz de fazer frente às adversidades. A catequese e a formação de adultos são, neste sentido, instrumentos preciosos. Todos a devemos aceitar como fundamental, fazendo com que muitos outros sintam necessidade de se enriquecer na sua formação. Em segundo lugar, ensina-se pelo testemunho. Dos primeiros cristãos dizia-se “Vede como eles se amam”. O segredo está neste “vede”. Um gesto credível ensina mais do que muitas teorias desencarnadas da realidade. Mas não podemos esquecer o uso da Palavra. Não somos mestres de ninguém mas a caridade exige que falemos. Quantos erros na vida dos outros que seriam evitados se não existisse tanta omissão quase sempre por medo. Mais ainda, os cristãos não podem calar-se perante tantos erros da sociedade hodierna.

Que este Evangelho nos inspire, e em particular aos que trabalham no mundo da saúde, a generosamente servir o mundo. Um mundo feito de pessoas que caminham sós, pessoas que sofrem, pessoas frágeis e que, por isso, precisam que as visitemos e lhes dêmos bom testemunho da fé cristã. Façamos o nosso exame de consciência e aceitemos o compromisso de viver estas obras de misericórdia assim como todas as outras.

A morte nunca vence a vida

Reflexão do senhor D. Jorge Ortiga na celebração da adoração da Cruz, em Sexta-Feira Santa.

Por mais gestos de proximidade que possamos promover, ainda assim são muitas as pessoas que, infelizmente, não conseguimos alcançar e que se sentem a mergulhar numa espiral destrutiva. É o caso de muitos marginalizados da sociedade.

Umas vezes fruto de circunstâncias adversas, como o desemprego, ou de não terem encontrado apoio humano em momentos fracturantes, como na velhice ou na doença.

Outras vezes porque se deixam guiar por impulsos que os conduzem fatalmente ao consumo da droga, álcool e tantas outras dependências.

O abandono e os sintomas de morte denunciam as contradições da nossa sociedade. Fala-se de um país desenvolvido, da excelência da investigação científica, do mundo das comunicações globais e, ainda assim, assistimos, perplexos, a casos de fome, de abandono e a desigualdades sociais. O Papa Francisco, neste aspecto, tem sido a voz dos daqueles que por alguma razão não a possuem e não tem permitido que se esqueçam as pessoas descartadas e colocadas à margem de uma vida autêntica.

É esta realidade da morte e do abandono que recordamos, com sofreguidão, neste momento da adoração da cruz.

Hoje, na leitura da Paixão, ouvimos Cristo, em condições de extremo abandono, sussurrar “tudo está consumado”. Jesus deu-Se até ao fim e, pela sua morte, “desceu às regiões inferiores da terra” (Ef 4, 9) para que nenhum Homem tivesse de experimentar o sofrimento do inferno. Muitas pessoas parecem que também, como diz o Credo Apostólico, descendit ad inferna, isto é, desceram aos infernos e não encontram saída.

Mas nem a morte tem a última palavra, nem podemos baixar os braços diante de qualquer drama humano.

Queremos e trabalhamos para um mundo novo. Pode parecer difícil mas não é impossível. Daí que, nesta hora, queira pensar em todos os agentes da nossa pastoral social e pedir-lhes que reorientem os seus trabalhos de forma a potenciarem uma atitude vocacional em detrimento de outra de tipo laboral. Olho para os profissionais da área social ou da saúde e acredito que, com generosidade e sacrifício, poderão dar sentido a muitas vidas. Olho também para o trabalho dos voluntários que vão ao encontro dos abandonados, dos seus abrigos, dos toxicod dependentes, dos desempregados e peço que não tenham medo de se aproximarem destes dramas, que cruzem as suas vidas com a vida destas pessoas.

Os voluntários e agentes da pastoral social podem ser, neste sentido, os santos dos tempos modernos. E, para isso, confio-lhes duas obras de misericórdia particularmente importantes neste contexto: 1. Sepultar os mortos; 2. Rezar a Deus por vivos e defuntos.

A obra de misericórdia sepultar os mortos não surge explicitamente no elenco bíblico de Mt 25, 31-46. Apesar disso, a exigência de proporcionar uma sepultura digna é um dado consensual na Sagrada Escritura. Ben Sirá 7, 33, por exemplo, diz “não recuses o teu benefício a um morto”. Ou ainda Sir 38, 16 “Sepulta o seu corpo segundo o costume, e não desprezes a sua sepultura”. Um dos episódios mais recentes e comoventes no Novo Testamento é a atitude de José de Arimateia e Nicodemos que se dirigem a Pilatos pedindo o corpo de Jesus para o sepultar e rezar por Ele (cf. Mt 27, 57-66; Jo 19, 38-42).

Enterrar os mortos normalmente não é visto como uma tarefa da comunidade cristã no seu todo. No máximo, o sacerdote preside às exéquias em nome da comunidade. O funeral parece ser mais uma tarefa da família e das instâncias governamentais. Sabemos, todavia, que ainda existem casos a solicitar uma atenção especial. A comunidade cristã deve repensar como vive estes momentos: no

acolhimento, no acompanhamento dos familiares e no esmero com que são preparadas as celebrações. Os funerais devem ser momentos onde a fé se faz carne e onde os enlutados encontram conforto na comunidade e na palavra de Deus.

Conscientes das “mortes” existentes na sociedade hodierna, para além do que poderemos fazer para as vencer, nunca podemos esquecer que só a oração consegue ultrapassar muitos impasses humanos. O dever de rezar pelos vivos e pelos mortos deve estar presente nas nossas intenções. Temos de ter tempo para rezar! Rezar como louvor a Deus e como prece pelas nossas intenções e pelas intenções dos outros. Tal como no amor, a oração também é uma obra e um trabalho.

Adoramos, nesta celebração, a cruz de Cristo. Na sua etimologia, interceder é interpor-se entre duas partes para construir uma ponte de unidade. É também esta a posição de Cristo na cruz: interpor-se, interceder, mediar o céu e a terra, Deus e os homens, os vivos e os mortos. Jesus rezou pelos seus discípulos e fez da sua morte a oração derradeira. Agora é a nossa vez de, sozinhos ou em comunidade, rezarmos uns pelos outros. Pode parecer que não podemos fazer nada ou muito pouco por tantas situações de vida desumana mas a oração e a entrega da vida a quem necessitam são a nossa grande força.

Eliminar os sinais da morte

*Reflexão do senhor D. Jorge Ortega na oração de
Laudes de Sábado Santo.*

A liturgia da manhã de Sábado Santo é muito peculiar. Está marcada pela ideia da expectativa de que a morte não vencerá.

Durante estes dias, tenho procurado ajudar os cristãos e as comunidades a consciencializarem-se de alguns dramas da sociedade.

Muitos olham à sua volta e dizem que estamos num beco sem saída. Apercebemo-nos de muito pessimismo e ouvimos muitos discursos derrotistas, daqueles para quem tudo está mal. Mas também é verdade que as pessoas sensatas apercebem-se de dramas e situações de desespero sem perspectivas de esperança. Quantas lágrimas choradas por causa de derrotas interiores e exteriores. Se há castelos de areia que se desmoronam, também há projectos consistentes – que em tempos recentes resultaram – que se esvaem do dia para a noite. E a comunicação social vai perpetuando e insistindo em assuntos dramáticos e dolorosos, contribuindo, por vezes, para um clima de desalento generalizado, com uma tonalidade demasiado sombria.

Estaremos nós condenados à resignação e a caminhar para um futuro sem esperança? Ouvíamos há breves momentos no livro de Oseias que “Ele nos fará viver de novo”. Aqui está uma afirmação clara de uma fé vivida que nos marca. Esperamos sempre a ressurreição de Cristo e sabemos que o sofrimento de hoje será, no amanhã, a alegria da Ressurreição.

Se o cenário parece catastrófico, importa situar-se no que importa fazer. A Sagrada Escritura, com a pedagogia que lhe é reconhecida, ensina-nos que o anúncio da boa nova do Reino de Deus é possível graças à dedicação de tantos colaboradores ou anunciadores. Todo o cristão deve, por isso, assumir-se como um regenerador da sociedade para colocar Cristo no coração da história humana. Esta é uma exigência que nasce da própria realidade da encarnação. Cristo incarnou, mergulhou nos dramas humanos do luto e da morte, da doença e da fome, e espera-se que todo o cristão seja, de verdade, um alter Christus (outro Cristo). E é-lo quando sai de si e entra nas feridas da humanidade, quando as toca com solicitude e as cura.

Ainda que consciente que se trata de uma tarefa transversal a todos os cristãos, gostaria, esta manhã, de pedir aos movimentos

apostólicos que coloquem os seus carismas ao serviço da transformação do mundo. Peço-lhes que acordem da sua sonolência apostólica, que reconheçam o mundo como o local da sua verdadeira acção pastoral e que nunca se contentem com a simples beleza das suas reuniões e encontros.

Como forças vivas devem assumir coerentemente a sua espiritualidade e agir em conformidade.

Na sequência das mensagens que proferi nos últimos dias, queria também recomendar duas obras de Misericórdia a todos os movimentos apostólicos: 1. Visitar os presos; 2. Corrigir os que erram.

Visitar os presos, na sua acepção mais profunda, significa fazer-se presente junto de quem vive na prisão. Quem se encontra nessa situação vive, infelizmente, enormes dramas interiores e, porque não o dizer, graves crises espirituais. A Igreja, na sua sabedoria milenar, sempre foi dizendo: condenar o pecado e cuidar do pecador.

Nenhum pecador, por mais grave que seja o seu pecado, é um condenado à morte. Nem o deveria ser no sistema judicial e nem é, tão pouco, na justiça divina. Deus pauta-se, em todos os momentos, pelo critério da misericórdia e os movimentos apostólicos deverão ser o seu prolongamento na vida concreta dos reclusos.

Mas, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência que existem diversos géneros de morte em consequência de se estar preso a realidades que não oferecem felicidade. O cristão deve ser o libertador dessas cadeias e descobrir por onde andam estas prisões. Talvez estejam bem perto de nós ou, quem sabe, nós mesmo nos tenhamos de reconhecer como presos a coisas, hábitos, rotinas, costumes de que no devemos desprender. Visitar os presos é, assim, trabalho libertador que, quem sabe, tenhamos de suscitar a partir de nós mesmos.

Corrigir os que erram, a segunda obra de misericórdia que proponho, é um caminho sábio que pode impedir que muitos cheguem a situações de verdadeira morte.

Não é fácil. Só uma atitude de grande humildade, no falar e no aceitar um alerta, permite a vivência desta obra de misericórdia.

Corrigir, do latim *corrigere*, significa literalmente dirigir juntos (*cum-regere*), ou seja, é o caminho partilhado e relacional, de uma ajuda mútua, para se encontrar a melhor solução e batalhar pela santidade.

Neste caminho de humanização da sociedade, de contínuo aperfeiçoamento, deveríamos agradecer as correcções fraternas e, ao mesmo tempo, exercitar a ajuda fraterna no caminho de uma verdadeira humanização. Um dos patrimónios espirituais da Igreja assenta na chamada “correcção fraterna”, a agradecer e a realizar com a máxima humildade. Para Jesus, a correcção faz parte da Sua preocupação em obedecer à vontade do Pai. “Desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6, 38), disse Jesus.

Numa comunidade cristã, amparar e corrigir um irmão que cai no erro é uma responsabilidade de todos, pois todos são membros de um mesmo corpo (cf. 1 Cor 12, 12). Corrigir é uma arte. Requer discernimento, sensibilidade, para escolher o moment adequado para se falar, e estima pelo interlocutor.

Libertando os presos das suas cadeias e dos seus erros, estamos a colorir o mundo com cores de esperança. Acreditar que a vida humana pode ser diferente numa correcção mútua mostra como o mundo pode ser optimista num realismo que não atemoriza mas responsabiliza. A morte de Jesus exige que acordemos para estes comportamentos. Por isso, examinemos as nossas consciências para que a reconciliação suscite comportamentos diferentes.

Páscoa, plenitude da vida

Reflexão do senhor D. Jorge Ortiga na Missa da Vigília Pascal, na Sé.

Eis-nos chegados à “Noite das Noites”, a “Mãe de todas as vigílias”, como dizia Sto. Agostinho. É noite porque nos abre à aurora de uma vida renovada e nos encoraja, numa sociedade que procura a vida como água no deserto, a testemunhar a alegria do Cristo vivo. Com a Páscoa abrimos um novo capítulo, neste itinerário do Programa Pastoral, e verificamos que “servir generosamente o mundo”, na vivência das obras de Misericórdia, nos conduz à responsabilidade de testemunhar uma proposta séria e credível do Reino de Deus.

Neste sentido, e com esta finalidade, convido-vos a meditar nalgumas palavras da recente exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Diz-nos o Papa que “o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade de Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente” (EG 259). Força, anúncio, novidade do Evangelho, ousadia, voz alta, em todo o tempo e lugar, contracorrente. São palavras fortes que adquirem a sua vitalidade, paradoxalmente, na aparente contradição do sepulcro vazio, isto é, sem Cristo. Mas, Cristo não está lá porque está vivo. Ressuscitou! A Páscoa é a celebração da plenitude da vida.

A Páscoa é a plenitude da vida. Acho particularmente interessante o costume de entre nós, no Minho, visitar as famílias com o compasso pascal. Crentes e não crentes abrem as suas portas à presença do ressuscitado. Uma vez por convicção própria, outras por consideração à família. E porque a família é um património imaterial da Humanidade que importa acarinhar, nela quero pensar esta noite e confiar-lhe a tarefa de encerrar o itinerário das Obras de Misericórdia.

Ninguém ignora como as famílias são, hoje, alvo de pressões de vária ordem.

Peço, por isso, às famílias cristãs que demonstrem como Cristo ressuscitado é imprescindível num projecto familiar de qualidade. É importante que Cristo “ressuscite” e esteja verdadeiramente presente na fidelidade entre os esposos, no amor fiel, nas alegrias e nas tristezas, que ressuscite entre os pais que acreditam numa educação segundo valores sólidos, que ressuscite na capacidade de evangelizar outras famílias, ressuscite na luta permanente por uma vida digna nas condições de habitação, na alimentação, nos cuidados médicos, no acesso a uma liberdade de ensino, que ressuscite numa oportunidade de trabalho com idênticas condições para homens e mulheres e, particularmente, que ressuscite na alegria da maternidade e da paternidade responsável.

Com esta convicção da urgência de Cristo presente nas famílias, elas devem ir às periferias existenciais e aí mostrarem o valor do sacramento do matrimónio. Parece existir um complexo de inferioridade face a outras modalidades de orientar os compromissos afectos da vida. Alguns, inclusive, querem passar a ideia de que a família é uma “espécie em vias de extinção”. Não condenamos ninguém, mas não aceitamos a disseminação de ideias confusas e equívocas como, por exemplo, aquelas que se referem à teoria do género.

Para propor a família como um suporte sólido da sociedade é necessária uma linguagem esclarecida, eficaz e verdadeira. E são as famílias que, em primeiro lugar, se devem propor à sociedade. O silêncio de várias famílias cristãs, em momentos quentes de debate público sobre questões estruturais, é, por vezes, ensurdecador. Requer-se, cada vez mais, uma preparação adequada para o debate público e um trabalho sério, fiel ao Evangelho, e organizado a partir das paróquias e das universidades católicas. Onde estão os nossos professores universitários católicos? Não terão nada a dizer?

Se a família deve ser um anúncio corajoso, talvez contracorrente, ela não pode renunciar a tarefa de deixar a sua marca positiva na

esfera social. Daí que, nesta noite de vigília pascal, queira propor as duas últimas obras de Misericórdia: 1. Vestir os nus; 2. Perdoar as injúrias.

Quando Adão e Eva fraquejaram e foram infiéis a Deus, diz o livro do Génesis que se esconderam porque estavam nus e sentiram vergonha (cf. Gn 1, 9-13). A nudez é apresentada, neste texto, como o cair da máscara, a percepção de que mentira não resiste à verdade. Quando alguém nos confronta com o nosso erro sentimo-nos nus, indefesos e sem “armas” para reagir. Daí que, vestir os nus, significa amparar a fragilidade, zelar pela vida, dar conforto. São muitas as famílias que necessitam de roupas para cobrir necessidades essenciais. As portas de muitas casas escondem muita coisa.

Por outro lado, uma das virtudes para o equilíbrio familiar está no perdoar as injúrias. Perdoar é dar um significado à ofensa do outro, sem que isso signifique atenuar responsabilidades ou promover injustiças. Perdoar não elimina o mal cometido mas pode, por outro lado, reequacionar a justiça segundo critérios da graça e da misericórdia. Por isso é que perdoar não se confunde com esquecimento. Cristo, por exemplo, disse na cruz “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34) mas as “marcas” da cruz permaneceram para sempre. Quando, porém, Jesus se encontrou com Tomé e este colocou o dedo nas suas mãos e no seu peito de Cristo (cf. Jo 20, 27), acabou por fazer uma das mais belas confissões do Novo Testamento: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20, 28). O mesmo é dizer que a ferida, quando perdoada e curada, é ocasião para fortalecer o amor. Esposo, esposa, pai, mãe, filho e filha deveriam saber declinar ininterruptamente, e sem nunca se cansar, o verbo “desculpa!”.

Fixar os olhos em Cristo ressuscitado é sentir a alegria da vitória do perdão. É belo pensar que o acto do perdão não só cura aquele que ofende mas também o ofendido. Uma cultura sem uma memória reconciliada degenera para a lei de talião, onde o perdão não tem lugar. Pelo contrário, fixar os olhos em Cristo crucificado é descobrir que ser perdoado e perdoar significa sempre, para uns

e para ouros, sentir-se amado sem medida, o que dá muita alegria e felicidade.

Durante a Semana Santa propus-me a falar das Obras de Misericórdia como respostas a males e necessidades hodiernas. Daí que, nesta Páscoa, e esperando que este texto faça parte da gramática da vida dos cristãos, gostaria de terminar com as palavras de S. Gregório de Nazianzo. Viver estas palavras é mostrar que a Páscoa não é uma simples rotina tradicional.

“Por isso, se me julgais digno de alguma atenção, servos de Cristo, seus irmãos e coherdeiros, visitemos a Cristo, alimentemos a Cristo, tratemos as feridas de Cristo, vistamos a Cristo, recebamos a Cristo, honremos a Cristo, não só sentando-O à nossa mesa como Simão, não só ungindo-O com perfumes como Maria, não só dando-Lhe o sepulcro como José de Arimateia, não só provendo o necessário para a sepultura como Nicodemos, não só, finalmente, oferecendo ouro, incenso e mirra como os Magos; mas, uma vez que o Senhor do Universo prefere a misericórdia ao sacrifício, uma vez que a compaixão tem muito maior valor do que a gordura de milhares de cordeiros, ofereçamos a misericórdia e a compaixão na pessoa dos pobres que hoje na terra são humilhados, de modo que, ao sairmos deste mundo, sejamos recebidos nas moradas eternas pelo mesmo Cristo, Nosso Senhor, a quem seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amen.”

Um trabalho de muitas mãos

Texto do senhor D. Jorge Ortiga a propósito do 96.º aniversário do jornal «Diário do Minho», em 15 de abril.

Comemorar os 96 anos de existência do Diário do Minho é uma oportunidade para renovar os votos de confiança num projecto e numa causa que tem apaixonado muitas pessoas. Não é, certamente, fácil acompanhar os últimos anos da humanidade e dos meios de comunicação: estes têm a marca da inovação e da celeridade. Ainda assim, o Diário do Minho tem conseguido cativar múltiplas gerações e, mesmo sendo um jornal dito “regional”, tem conseguido fazer com que o longe se faça próximo.

O Diário do Minho é uma voz credível para a sociedade e um órgão competente no meio de uma concorrência cada vez mais competitiva. Esta é a realidade e que exige de todos os media absoluto profissionalismo e competência. Exige ainda – e é justo lembrá-lo – espírito de sacrifício, orgulho e sentido crítico. Nem sempre é fácil percorrer estes caminhos, mas o DM tem conseguido trilhá-los e escapar, ao mesmo tempo, à banalidade. Encontra-se num período de viragem, de ainda maior inovação. É meritório apontar não só o trabalho que este instante exige, mas também a forma como tem sido conduzido: com sensatez, perspicácia e visão.

A existência deste diário deve também ser reflectida. O Diário do Minho, respeitando o seu carisma fundacional, nasceu para um humanismo de matriz cristã que ousasse propor um modo diferente de encarar a sociedade. Os eventos devem ser relatados e a informação fidedigna. Não podemos nunca esquecer que a posse e divulgação de informação são instrumentos de poder, já que ajudam a esclarecer a sociedade. Esta consegue, a partir de meros factos relatados, assumir esse poder ao interpretar a realidade.

Importa então a quem transmite a informação ter em mente e como objectivo contribuir activamente para visões mais humanas e justas. O Diário do Minho tem conseguido alcançar esta meta, sobretudo dirigido a dois grande pilares. À Igreja reporta os problemas e dramas da sociedade. À sociedade leva esperança, apresenta modelos e referências que levam, felizmente, a uma crença em valores fundamentais como a transparência, equidade e profissionalismo.

Quero expressar a mais sincera gratidão a todos quantos acreditam nesta causa. Ao director deste quotidiano, Damião Pereira, aos jornalistas, administradores, funcionários e aos colaboradores habituais. Receio esquecer-me de alguém, mas agradeço a todos aqueles que permitem que o jornal chegue à casa de tantas pessoas. Particular agradecimento vai ainda para os leitores e para todos os que fazem publicidade neste meio de comunicação.

À gratidão associo os parabéns pelo trabalho realizado, sempre na certeza de que o espírito jovem e empreendedor da redacção irá acompanhar as mudanças que os quase centenários 96 anos de idade desta instituição exigem. A tarefa é árdua, mas um espírito sonhador encontra sempre caminhos novos.

Conquistar a vida todos os dias

*Homilia do senhor D. Jorge Ortiga na Missa da
Bênção das Pastas dos Finalistas da Universidade
Lusíada de Vila Nova de Famalicão e da Escola
Superior de Saúde do Vale do Ave, em 26 de abril.*

Dois Nobel da Paz, distantes na geografia, na idade e no percurso de vida, disseram, certa vez, praticamente a mesma frase. O primeiro é Nelson Mandela, antigo presidente da África do Sul,

preso político durante 27 anos e activista dos direitos humanos. Disse Mandela que «a educação é a arma mais poderosa que podes usar para transformar o mundo». O segundo Nobel é uma jovem de 17 anos, activista paquistanesa, escritora e defensora dos direitos humanos das mulheres, o que lhe valeu uma tentativa de assassinato. Esta jovem, Malala, disse também que «uma criança, uma professora, uma caneta e um livro podem mudar o mundo».

E eis-vos aqui nesta eucaristia da bênção dos finalistas. Jovens com uma educação superior, de excelência, e com tantos sonhos de contribuir para a transformação da sociedade por via do trabalho. Chegar ao fim do curso é, neste sentido, apenas uma ponte, um ponto de viragem entre a condição de aprendiz e a de futuro mestre. Sei, contudo, que as actuais circunstâncias socioeconómicas e decisões políticas encurralaram muitos dos vossos colegas no meio desta ponte. Espero, desejo, que o mesmo não aconteça convosco e que, tal como disse Mandela, a educação que vos foi dada seja a vossa arma mais poderosa. A sociedade portuguesa precisa de vós... da vossa mestria, da vossa visão e da vossa coragem.

Quero agora deixar-vos três pistas.

1. Lutar para vencer.

A primeira leitura, extraída do livro dos Actos dos Apóstolos, oferece-nos uma interessante perspectiva sobre a identidade e a missão de Jesus. Diz o texto bíblico que «Jesus é a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que veio a tornar-se pedra angular» (Act 4, 11). Sim. É verdade. Jesus é rejeitado pelos construtores. Mas, também pode acontecer que algum de vós se sinta assim, agora ou no futuro: rejeitado pelos construtores da sociedade. Não pretendo enveredar por discursos demagogos nem ser um vendedor de ilusões. A rejeição é real, deixa marcas e custa. Mas a rejeição é, ao mesmo tempo, débil de identidade, ou seja, pode ser combatida. Dostoievsky, um dos mais famosos escritos russos contemporâneos, escreveu que «o poder é dado somente àqueles

que ousam inclinar-se e apanhá-lo. Apenas uma coisa é importante, apenas uma; ser capaz de ousar!».

A vida em sociedade é, e será sempre, de interdependência mútua. Necessitamos dos outros, apesar dos legítimos direitos pessoais concedidos a cada um. O futuro constrói-se mesmo que existam muitas adversidades ou adversários. Só quem ousa luta consegue vencer.

2. Sem pensar nos outros não somos felizes.

Caros jovens finalistas, não posso hoje deixar de vos falar sobre o escândalo do Mediterrâneo e daquelas frágeis pessoas desprezadas na sua dignidade. Perante o cenário de morte no Mediterrâneo, vários grupos de católicos de Portugal pediram que hoje colocássemos um pano branco nas janelas ou usássemos uma peça de roupa branca. De regresso a casa, se possível, realizai este gesto de sensibilização, de protesto e de proximidade afectiva com quem não tem voz. Foi pedido também que formulássemos uma oração por milhares de pessoas que buscam uma vida melhor, para si e para as suas famílias, e são enganadas por traficantes de seres humanos, aproveitando-se das precárias condições humanas em que tantos vivem. Para muitos, o sonho num instante transforma-se num pesadelo. Diz, com razão, o Papa Francisco que “são homens e mulheres como vós, irmão que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerra. Procuram uma vida melhor, procuram felicidade”.

Em dia de sonhar com um futuro melhor, acreditai que nunca se é feliz sozinho. Vede as causas da humanidade e oferecei sempre o vosso contributo positivo com ideias e acções.

3. Um sentido para viver.

Numa outra vertente, hoje é também o dia em que recordamos a procura da felicidade. Ser feliz é a serena correspondência entre aquilo que desejamos e aquilo que somos. Reparem que disse: aquilo que somos e não aquilo que fazemos. “Ser” é uma

pergunta a ser colocada a um nível mais profundo, mais intenso. Quem sou eu? O que desejo ser? Como quero ser reconhecido? Quem sou eu para Deus?

Caros jovens, encerramos hoje a Semana de Oração pelas Vocações. Pedimos vocações sacerdotais, religiosas ou seculares. Não haverá entre vós corações inquietos que queiram fazer esta escolha de Deus servindo a humanidade com generosidade e entusiasmo? Se não sentis este chamamento, gostaria de vos dar um conselho de amigo. Encarai o vosso futuro como uma vocação e nunca como mera profissão. A profissão limita-se ao cumprimento das tarefas com maior ou menor profissionalismo e entrega. A vocação, pelo contrário, é sentir que se responde a alguém que chama para o entusiasmo. E o mundo chama-te constantemente. O que poderás tu fazer pelo mundo?

Malala dizia que poucas coisas podem mudar o mundo. Só as pessoas são intérpretes de um mundo novo. Caro jovem, não te resignes. Se és crente, dá a tua vida como Cristo para um mundo diferente. Não o sendo, não deixes de olhar para Ele como referência e entra no jogo de quem sabe que o egoísmo ou a indiferença não levam a lada nenhum. Entrai no hoje da história com optimismo, fé e esperança. Há sempre uma razão para experimentar a felicidade: fazei da vida um projecto que luta por causas verdadeiras e integralmente humanitárias. E não duvideis. Foi isso que Cristo fez e quer continuar a fazer por nosso intermédio. Não acrediteis numa vida sem luta... e a vitória surgirá.

Senhor, nosso Deus,
nós vos damos graças pelo alimento que partilhamos.
Nós vos pedimos por todos os que,
sem terem o necessário para viver,
buscam na Europa um futuro melhor.
E, em especial, por aqueles que,
em tão grande numero,
morrem no Mediterrâneo.

Nós vos pedimos sabedoria
para os responsáveis dos governos e para cada um nós,
que nos leve a encontrar soluções justas e solidárias,
capazes de por termo à fome.
Que, quando nos apresentarmos diante de Vós,
possamos reconhecer-nos como membros
de uma só família humana com alimento para todos.
Por Cristo, nossa Senhor. Amen

A Voz da Catedra(l) 2. O senhor D. Jorge Ortega publicou o segundo volume de «A Voz da Catedra(l)».

Subordinado ao título «Rumo à Unidade – Anuncia» apresenta um conjunto de homilias e outros textos distribuídos por três secções: Natal e Páscoa, Eliminar, Frescura.

Coordenou o trabalho o P. José da Silva Lima.

Atividades pastorais

abril/2015

D. Jorge

- 01 – Visitou os reclusos dos estabelecimentos prisionais de Braga e de Guimarães, a cada um dos quais ofereceu um bolo e entregou uma carta.
- 02 – Presidiu na Sé à Missa Crismal e à Missa vespertina da Ceia do Senhor.
- 03 – Presidiu na igreja de S. Mamede de Arcozelo, arci-prestado de Barcelos, à oração de Laudes em sufrágio do P. José Carlos da Costa Seara.
- 04 – Presidiu na Sé à celebração da Vigília Pascal.
- 05 – Presidiu na Sé à Missa do Dia de Páscoa.

- 07 – Assistiu no Auditório Vita a uma conferência do Cardeal Óscar Maradiaga.
- 08 – Participou em Fafe numa homenagem ao Cardeal Óscar Maradiaga.
- 11 – Participou em Arcozelo, arciprestado de Barcelos, numa homenagem póstuma ao P. José Carlos da Costa Seara.
- 12 – Presidiu à celebração da Eucaristia na igreja paroquial de S. Vítor, no arciprestado de Braga.
- 13 a 16 – Participou em Fátima numa assembleia plenária da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 17 – Benzeu o lar de idosos «A Minha Casa», da associação Engenho, em Arnoso Santa Maria, no arciprestado de Vila Nova de Famalicão.
- 18 – Reuniu com capelães hospitalares.
- 21 – Esteve presente em Braga na abertura das comemorações do centenário do Teatro Circo.
- 23 – Presidiu à celebração da Eucaristia na Casa Sacerdotal e administrou o sacramento da Santa Unção.
- 24 – Presidiu à celebração da Eucaristia na Casa de Saúde do Bom Jesus, em Nogueiró.
Benzeu em Cabeceiras de Basto a Unidade de Cuidados Continuados Dr. Francisco Meireles.
- 25 – Presidiu à celebração da Eucaristia na Igreja do Hospital de S. Marcos, em Braga, e em Balasar, Póvoa de Varzim.
- 26 – Presidiu na igreja matriz de Vila Nova de Famalicão à Missa da Bênção de Finalistas da Universidade Lusíada e da Escola Superior de Saúde do Vale do Ave.
- 28 – Assistiu na Faculdade de Ciências Sociais, em Braga, à apresentação de livros editados pela Caritas.
- 29 – Participou numa tertúlia realizada no Centro Pastoral Universitário de Braga, em Gualtar.

D. Francisco Senra

- 02 – Quinta Feira Santa, 17h00, presidência da Missa Vespertina da Ceia do Senhor na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim. 22h00, presidência da procissão do Ecce Homo, em Braga.
- 03 – 10h00, presidência da celebração de Laudes na Sé Primacial de Braga. 15h00, presidência da Celebração da Paixão do Senhor na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim. 21h00, presidência da Procissão do Enterro do Senhor na cidade de Famalicão.
- 04 – 10h00, presidência da celebração de Laudes na Sé Primacial de Braga. 22h00, presidência da celebração da Vigília Pascal na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim.
- 05 – 10h00, presidência da Missa do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor e da Procissão da Ressurreição, na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim.
- 08 – 09h30, participação na reunião dos Sacerdotes do Arciprestado de Cabeceiras de Basto e visita a Sacerdotes doentes. 14h30, participação na reunião do Conselho Episcopal. 19h00, presidência da Missa de 7.º Dia do Rev. Padre Seara, em Arcozelo, Barcelos.
- 10 – Início das Visitas Pastorais ao Arciprestado de Celorico de Basto, com preparação da Visita a Ourilhe.
- 12 – 11h00, presidência da Missa festiva do Bom Jesus, em Fão. 17h30, presidência da Missa do Domingo da Divina Misericórdia, na Igreja dos Congregados, em Braga.
- 13 a 16 – Participação na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa e na Comissão Episcopal do Laicado e Família.
- 17 – Preparação da Visita Pastoral à paróquia de Gagos.
- 18 – 10h00 visita à comunidade dos Padres Crúzios, no Sameiro. 17h00, Visita Pastoral á Paróquia de Ourilhe.

- 19 – Visita Pastoral à Paróquia de Gagos.
- 21 – Participação na reunião dos Sacerdotes do Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim para, em conjunto com o Senhor Arcebispo Primaz, avaliar as Visitas Pastorais realizadas aquele Arciprestado.
- 22 – Preparação da Visita Pastoral a Vale do Bouro.
- 23 – Preparação da Visita Pastoral a Molares.
- 24 – Visita a Sacerdotes. 21h00, presidência da Vigília de Oração pelas Vocações, em Vieira do Minho.
- 25 – 10h00, reunião com o Departamento Diocesano da Pastoral Familiar. 17h00, Visita Pastoral à Paróquia de Vale do Bouro.
- 26 – 10h30, Visita Pastoral a Molares. Instituição de quatro Leitores na Igreja de S. Paulo, Seminário Conciliar.
- 28 – 09.30h participação na Recoleção do Clero. Visita a Sacerdotes doentes.
- 29 e 30 – Acompanhamento de 64 cursillistas e do Diretor Espiritual do Movimento dos Cursillios de Cristandade (MCC) na Arquidiocese em peregrinação a Roma para participar na audiência concedida pelo Papa Francisco ao MCC

2. Serviços Centrais

Comissão Administrativa

*O senhor D. Jorge Ortiga nomeou a seguinte
Comissão Administrativa:*

IRMANDADE DE SANTA MARIA MADALENA DO MONTE, Paróquia de Santa Cristina de Longos, Arciprestado de Guimarães e Vizela e Concelho de Guimarães, constituída por:

| | |
|------------------------|---|
| Presidente: | Dr. Jorge Miguel Silva Santos |
| 1.º Tesoureiro: | Eng. Horácio Joaquim Alexandre Santos |
| 2.ª Tesoureira: | Dr.ª Maria Manuela Novais Cunha |
| Secretário: | Doutor José Cândido Oliveira Martins |
| Vogais: | João Manuel Alves Martins Dias Dr.ª Alexandra Maria Reis Alves |

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

Cón. Manuel Joaquim Fernandes da Costa

Esta homologação é válida de 16 de abril de 2015 até 16 de abril de 2016.

Durante este tempo, a referida Comissão deve encontrar, entre os Associados, uma lista tendo em vista a realização de eleições de Corpos Gerentes.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 887 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

Decretos de extinção de entes canónicos

Tendo sido requerida a extinção da **ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE AUXILIADORAS DE MARIA** sedeadada na Paróquia de São Martinho de Espinho, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo Nº 882 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE AUXILIADORAS DE MARIA sedeadada na Paróquia de São Martinho de Espinho, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Confraria de Nossa Senhora da Conceição do Monte do Sameiro, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

Tendo sido requerida a extinção da **CONFRARIA DAS ALMAS E SÃO JORGE** sedeadada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N.º 229 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1.º e 320 § 2.º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a CONFRARIA DAS ALMAS E SÃO JORGE sedeadada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior e Sé Primaz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 30 de abril de 2015.

Tendo sido requerida a extinção da **CONFRARIA DE NOS-SA SENHORA DA ROSA** sedeada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N° 228 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA ROSA sedeada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior e Sé Primaz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 30 de abril de 2015.

Tendo sido requerida a extinção da **CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO** sedeada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N° 226 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO sedeada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior e Sé Primaz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 30 de abril de 2015.

Tendo sido requerida a extinção da **CONFRARIA DE SÃO SEBASTIÃO E ANEXAS** sedeada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N° 223 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a CONFRARIA DE SÃO SEBASTIÃO E ANEXAS sedeadas na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior e Sé Primaz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 30 de abril de 2015.

Tendo sido requerida a extinção da **CONFRARIA DE SÃO TIAGO APÓSTOLO** sedeadas na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo Nº 222 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a CONFRARIA DE SÃO TIAGO APÓSTOLO sedeadada na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior e Sé Primaz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 30 de abril de 2015.

Provisões a corpos gerentes

O senhor D. Jorge Ortiga assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, sita na Paróquia de São Miguel de Arcos, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Vila do Conde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: António Amorim dos Santos

Secretário: Manuel Carvalho dos Santos

Secretário: Adelino Araújo Leitão

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Adelino de Freitas Araújo
Secretário: António Carvalho Miranda
Tesoureiro: Manuel Júlio da Silva Lopes
Vogal: Daniel Martins Ferreira
Vogal: Júlio Lopes Faria

CONSELHO FISCAL

Presidente: Carlos Alberto Santos Martins
Vogal: José Amorim Lopes
Vogal: António Alves Matias da Silva

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel de Sá Ribeiro

Esta homologação é válida de 30 de março de 2015 até 30 de março de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 705 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de São Pedro de Fragoso, Arciprestado de Barcelos, Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Augusto Félix Vieira Queirós
Secretários: Francisco Gonçalves dos Santos
Manuel Sá Martins

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: José Maria da Silva Neiva
Secretário: Luís Augusto Oliveira de Sá
Tesoureiro: Fernando Silva Lima

CONSELHO FISCAL

Presidente: Manuel Augusto Sá Ribeiro
Vogais: Fernando Sá Morgado
Abel Henrique Tomás Queirós

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel Brito Ferreira

Esta homologação é válida de 21 de novembro de 2014 até 21 de novembro de 2016.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 708 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de abril de 2015.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA PENHA, sita na Paróquia de Santa Marinha da Costa, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Eng. António Monteiro de Castro
Secretários: Dr. José Cardoso de Menezes Couceiro da Costa
Dr. Carlos de Faria Malheiro Rodrigues

ADMINISTRAÇÃO

Juiz: Manuel Gerardo Roriz Ferreira Mendes
Vice-Juiz: José Jorge Correia Lobo

Secretário: José Luís Atilano
Tesoureiro: Romão dos Santos Barbosa
Vogais: Eng.º José Manuel Fernandes Antunes
Fernando Carmo Tavares
Rui António Faria de Lemos

CONSELHO FISCAL

Presidente: Eng.º José Manuel Ferreira Gonçalves Arantes
Vogais: Dr.º Vítor Manuel Galhardo Borges
Dr.º Rui Armindo da Costa Freitas

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Carlos Lopes de Sousa

Esta homologação é válida de 21 de março de 2015 até 21 de março de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 734 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 09 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de Divino Salvador de Campo, Arciprestado de Barcelos, Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: António Ferreira Andrade Sousa
Secretários: Fernando Monteiro Duarte Pinto
Franquelim Ferreira Pereira

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Benedito Miranda Alves
Secretário: António Campos de Sousa
Tesoureiro: Manuel de Jesus Gomes da Cruz

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Pereira Remelhe
Vogais: Maria Fernandes Correia
António Marques Lourenço

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Carlos Mário Ferreira Gomes

Esta homologação é válida de 19 de fevereiro de 2015 até 19 de fevereiro de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 778 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de abril de 2015.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO,
sita na Paróquia de São Paio de Parada de Tibães, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Manuel Pereira Loureiro
Secretários: José Alves Duarte
Luís Gonzaga Brito Duarte

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Manuel da Silva Morgado
Secretário: Adelino Manuel Duarte Loureiro
Tesoureiro: Brás Rodrigues Mendes
Vogais: Manuel Joaquim Pereira da Silva
Manuel Dias

CONSELHO FISCAL

Presidente: Domingos Jorge Silva Araújo

Vogais: Manuel António Costa Martins Ferreira
Venâncio Meira Resende

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Albano de Sousa Nogueira

Esta homologação é válida de 16 de abril de 2015 até 16 de abril de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 808 / 2015. Braga, Cúria Arquiepiscopal, 16 de abril de 2015.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO PORTO DE AVE, sita na Paróquia de São Miguel de Taíde, Arciprestado de Póvoa de Lanhoso, Concelho de Póvoa de Lanhoso e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Agostinho Silva Baptista

Secretários: Sérgio Miguel Silva Vaz
José Carlos Soares de Almeida Ferreira

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Vítor Manuel Mendes Macedo

Vice-Presidente: Francisco Manuel Vieira Soares

Secretária: Joana Marisa Moreira da Costa

Tesoureiro: Sérgio Carlos Amaral Pereira

Vedor de Obras: Domingos Cruz Pereira

Mordomo do Santuário: Artur Alfredo Antunes Maia

Mordomo das Capelas: Manuel Pereira Sousa

Vogais: Albano Rui Antunes Fernandes;
Domingos Abel Cruz Sousa; José
Maria Vaz da Cunha; José Rafael
Correia Henriques

CONSELHO FISCAL

Presidente: Eugénio André da Silva Araújo
Vogais: José Filipe Silva do Vale
Maurício Humberto Oliveira Pereira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Augusto Freitas Baptista

Esta homologação é válida de 15 de março de 2015 até 15 de março de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 885 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, sita na Paróquia de São João Baptista de Nogueira, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: António Martins Gonçalves
Secretário: João Luís Lopes da Silva
Secretária: Joana Cristina Barbosa Figueiredo

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: José Martins Silva
Secretário: Isabel Rodrigues da Cunha
Tesoureiro: Artur Gonçalves Ferreira

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Freitas Martins
Vogais: Francisco Pereira Rodrigues
Maria Amélia Teixeira Moreira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e José Ribeiro Mendes

Esta homologação é válida de 01 de maio de 2014 até 01 de maio de 2017.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 886 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
sita na Paróquia de São Tiago de Carapeços, Arciprestado de Barcelos,
Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Manuel Miranda da Silva

Secretária: Maria Madalena da Silva Rodrigues

Secretário: Carlos Alberto da Cunha Escairo

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: António da Costa e Silva

Secretária: Maria Elvira Costa Andrade

Tesoureiro: David Miranda da Silva

CONSELHO FISCAL

Presidente: Maria da Conceição Sousa Magalhães

Vogais: Joaquim de Sousa Macedo

Rosa Ferreira Duarte Silva

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e João Manuel Pinheiro Antunes

Esta homologação é válida de 21 de abril de 2015 até 21 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 888 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CONFRARIA DE SANTO ANTÓNIO, sita na Paróquia de São Martinho de Espinho, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Custódio José Marques da Costa

Secretários: Ricardo Jorge Oliveira da Silva
José Braga de Freitas

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Henrique José da Costa Alves

Secretário: João Manuel Gonçalves Vieira

Tesoureiro: Pedro Jorge Gonçalves Ferreira

CONSELHO FISCAL

Presidente: Carlos Pereira

Vogais: Sandra Maria Gonçalves Vieira
Susana Cristina Araújo Costa

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Artur Vieira Marques

Esta homologação é válida de 23 de abril de 2015 até 23 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 927 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 23 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de Santa Maria de Souto, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Manuel Rodrigues Ribeiro

Secretários: Hugo Rafael Sousa Antunes
José Luís Barros Ribeiro

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: José Carlos Cunha Fernandes

Secretário: João Fernandes Marques

Tesoureiro: Manuel António Ribeiro da Costa

CONSELHO FISCAL

Presidente: Joana Filipa Sousa Rodrigues

Vogais: Diana Filipa Macedo Silva
Ana Luísa Freitas Antunes

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e João Ribeiro

Esta homologação é válida de 01 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1003 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E ALMAS, sita na Paróquia de São Mamede de Ribeirão, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Manuel Matos Santos
Secretários: Serafim Ferreira Pinheiro
Milton Pinto dos Santos

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Abel Oliveira Fonseca
Secretário: Manuel Augusto da Costa Santos
Tesoureiro: Salvador Ferreira Azevedo

CONSELHO FISCAL

Presidente: Manuel Carneiro Azevedo
Vogais: José Carlos Fernandes Silva
Sérgio Couto Conceição

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel Joaquim Carvalho Fernandes

Esta homologação é válida de 01 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1011 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de São Mamede de Ribeirão, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Emília Azevedo Costa
Secretárias: Albina da Costa Ferreira
Etelvina Oliveira e Silva

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: António Paiva Crespo
Secretário: Armando Oliveira Pereira
Tesoureiro: Joaquim da Silva Oliveira

CONSELHO FISCAL

Presidente: José da Silva Oliveira
Vogais: José Moreira da Costa Alves
Ricardo Rodrigues Crista

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel Joaquim Carvalho Fernandes

Esta homologação é válida de 01 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1013 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SENHOR DOS PERDÕES, sita na Paróquia de São Mamede de Ribeirão, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Viriato Sousa Cunha

Secretários: António Campos Dias
Albertino Jesus Oliveira

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: José Ferreira Carvalho

Secretário: Francisco Azevedo

Tesoureiro: David Matos Azevedo

CONSELHO FISCAL

Presidente: David Campos Costa

Vogais: Manuel Oliveira Costa
José Augusto Couto Azevedo

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel Joaquim Carvalho Fernandes

Esta homologação é válida de 01 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1014 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de São Paio de Pousada, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Maria da Conceição Antunes Silva

Secretários: António Silva Lima
Alberto Vieira Ribeiro

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: António Cândido Silva

Secretário: Carlos Alberto Azevedo Pereira

Tesoureira: Ângela Patrícia Gonçalves Ribeiro

Vogais: Sónia Sofia Barroso Silva
César Pinto Barros

CONSELHO FISCAL

Presidente: David Ribeiro Pinto

Vogais: Maria Helena Rodrigues Tinoco
Diana Alexandra Barros Borges

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Luís Miguel Teixeira Pereira

Esta homologação é válida de 19 de setembro de 2014 até 19 de outubro de 2015.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1015 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de São Miguel de Arcos, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Vila do Conde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: António Ribeiro dos Santos

Secretários: Duarte António Faria Amorim dos Santos
Manuel Martins Lopes

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Manuel Fernando da Silva Martins

Secretário: Adelino Leitão de Araújo

Tesoureiro: José Carlos Silva Martins

Vogais: Artur Miranda da Silva
José Alfredo Santos Martins

CONSELHO FISCAL

Presidente: Alfredo Azevedo Martins

Vogais: Bernardino Azevedo Amorim
António Paulo Araújo Carreira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel de Sá Ribeiro

Esta homologação é válida de 19 de abril de 2015 até 19 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1017 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA AJUDA E SÃO SEBASTIÃO DAS CARVALHEIRAS, sita na Paróquia de São Tiago da Cidade, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Eng. Luís Manuel Bastos de Sousa

Secretários: Manuel Melo da Silva
Mário Rui Guimarães Cruz Oliveira

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Joaquim Silva

Secretário: José Gomes de Lima

Tesoureiro: Manuel Jorge Miranda Pereira

Vogais: José de Oliveira Lopes
Abílio Freitas

CONSELHO FISCAL

Presidente: Modesto Moreira Anjo

Vogais: Domingos Oliveira Lopes
Francisco António Gomes Lima

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

Cón. Manuel Joaquim Fernandes da Costa

Esta homologação é válida de 23 de novembro de 2014 até 23 de novembro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1018 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL E PROQUIAL DE RIO CALDO,
sito na Paróquia de São João Batista de Rio Caldo, Arciprestado
de Terras de Bouro, Concelho de Terras de Bouro e Arquidio-
cese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|-----------------------------------|
| Presidente: | P.e Adelino Costa e Sousa |
| Vice-Presidente: | Domingos Manuel Barbosa da Silva |
| 1.º Secretário: | Rui Pedro Ferreira Gonçalves |
| 2.º Secretário: | José Maria Fernandes da Rocha |
| Tesoureiro: | Francisco José Lourenço Gonçalves |

CONSELHO FISCAL

| | |
|--------------------|--------------------------------|
| Presidente: | João Manuel da Silva Gonçalves |
| Vogais: | Raul Dias Loureiro |
| | José Dias Antunes |

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Almerindo Martins da Costa

Esta homologação é válida de 07 de abril de 2015 até 07 de abril de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 736 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 09 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE JOANE, sito na Paróquia de Divino Salvador de Joane, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|-----------------------------|
| Presidente: | P.e Manuel de Sousa e Silva |
| Vice-Presidente: | Domingos Machado Mendes |
| 1.º Secretário: | António Machado Cardoso |
| 2.º Secretário: | José Dinis de Oliveira |
| Tesoureiro: | Américo Marques Rafael |

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Fernandes Sampaio

Vogais: Bento Lopes Fernandes
Gaspar Torrinha Rodrigues

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Paulino Alfredo de Oliveira Carvalho

Esta homologação é válida de 03 de março de 2015 até 16 de maio de 2017.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 737 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 09 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL TERESIANO DE VERIM, sito na Paróquia de Santa Maria de Verim, Arciprestado de Póvoa de Lanhoso, Concelho de Póvoa de Lanhoso e Arquidiocese de Braga, constituído por:

DIREÇÃO

Presidente: Felisbela Pereira Valente

Secretária: Maria da Conceição Faria de Oliveira

Tesoureira: Maria de Fátima Falcão Gouveia

CONSELHO FISCAL

Presidente: Maria Isabel da Rocha Lopes

Vogais: Maria de Jesus Correia
Alcinda Dias Oliveira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

Maria Isabel da Rocha Lopes

Esta homologação é válida de 24 de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2015.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 879 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE BEIRIZ, sito na Paróquia de Santa Eulália de Beiriz, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Presidente: | P.e José Figueiredo de Sousa |
| Vice-Presidente: | Nelson Jorge da Costa Ferreira |
| 1.ª Secretária: | Ângela Maria Lopes da Silva Ferreira |
| 2.ª Secretária: | Vitória Manuela da Cunha e Costa |
| Tesoureiro: | António Mário dos Santos Pereira |

CONSELHO FISCAL

| | |
|--------------------|--|
| Presidente: | Elsa Maria de Sá Oliveira |
| Vogais: | Carlos António de Araújo Soares António Marco Campos Ferreira |

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel de Sá Ribeiro

Esta homologação é válida de 01 de outubro de 2014 até 03 de junho de 2017.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 839 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DE PONTE, sito na Paróquia de São João Baptista de Ponte, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-----------------------------------|---|
| Presidente: | P.e Manuel António Pinheiro Faria |
| Vice-Presidente: | P.e José Agostinho da Costa Ribeiro |
| 1.^a Secretária: | Matilde Rebelo Ferreira |
| 2.^o Secretário: | Armando Luciano da Silva Rodrigues |
| Tesoureiro: | Fernando Manuel de Macedo Silva |
| Vogais: | Paula Manuela Vieira Mendes Elisabete Diana Fernandes Teixeira |

CONSELHO FISCAL

| | |
|--------------------|--|
| Presidente: | Manuel Ribeiro de Sousa |
| Vogais: | Maria de Fátima Bento de Castro João Carlos Ferreira da Rocha |

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Constantino Matos de Sá

Esta homologação é válida de 21 de abril de 2015 até 23 de outubro de 2017.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n^o 889 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL P.e DAVID DE OLIVEIRA MARTINS, sito na Paróquia de São Paio de Ruílhe, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|-------------------------------------|
| Presidente: | P.e Manuel Joaquim Azevedo da Costa |
| Vice-Presidente: | Diác. Lino Gomes de Campos |
| 1.º Secretário: | Dr. Manuel António Martins Alves |
| 2.º Secretário: | Joaquim da Silva Machado |
| Tesoureiro: | Arlindo Figueiredo da Silva |
| Vice-Tesoureiro: | Inácio de Loiola Rodrigues Coroa |
| Diretor Interno: | Dr. Ricardo José Pereira da Costa |

CONSELHO FISCAL

| | |
|--------------------|---|
| Presidente: | Dr. José Pereira dos Santos |
| Vogais: | Dr. Joaquim Marinho Gomes Pereira Dr. Domingos Neves Costa |

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e António Sérgio Gouveia Garcia Torres

Esta homologação é válida de 21 de abril de 2015 até 21 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 890 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE CAVÊS, sito na Paróquia de São João Baptista de Cavês, Arciprestado de Cabeceiras de Basto, Concelho de Cabeceiras de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Presidente: | Monsenhor José Augusto Gomes Ribeiro |
| Vice-Presidente: | P.e Jorge Agostinho Gomes Esteves |
| 1.ª Secretária: | Cecília Borges Pereira |

2.º Secretário: Tiago Emanuel de Oliveira Mucha
Tesoureiro: António Rui Martins Gonçalves Fernandes

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Paulo Pereira Carvalho Guerra
Vogais: Maria Alice da Costa Teixeira
João Pedro Carvalho Martins

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Daniel Cardoso Pereira

Esta homologação é válida de 22 de abril de 2015 até 22 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 931 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 23 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE AGUÇADOURA,
sito na Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Aguçadoura,
Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de
Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: P.e João da Rocha Eiró
Vice-Presidente: Manuel Loureiro Gomes
1º Secretário: Manuel Valentim da Costa
2º Secretário: Manuel Torres Correia
Tesoureiro: Manuel Alberto Cardoso Gonçalves Maciel

CONSELHO FISCAL

Presidente: Alberto Moreira da Silva

Vogais: Isolino Torres Lima Joaquim Alves Ribeiro

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel Sá Ribeiro

Esta homologação é válida de 23 de abril de 2015 até 23 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 932 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 23 de abril de 2015.

COLÉGIO DE SÃO CAETANO, sito na Paróquia de São Pedro de Maximinos, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: Dr. Custódio Macedo Lima

Secretário: Manuel Lopes Martins

Tesoureira: Dr.^a Marina Luísa Iglesias Calatré Peters Cunha

Delegado

do Prelado: P.e Manuel Joaquim de Magalhães Miranda

CONSELHO FISCAL

Presidente: Dr. António Abreu Pereira

José Rodrigues Martins

Diác. Lino Gomes de Campos

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e António Sérgio Gouveia Garcia Torres

Esta homologação é válida de 24 de fevereiro de 2015 até 24 de fevereiro de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 933 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 23 de abril de 2015.

CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DE SANTO ANDRÉ DE RIODOURO, sito na Paróquia de Santo André de Riodouro, Arciprestado de Cabeceiras de Basto, Concelho de Cabeceiras de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: Mons. José Augusto Gomes Ribeiro
Vice-Presidente: P.e Jorge Agostinho Gomes Esteves
1.º Secretário: José Manuel Fernandes da Silva Fecheira
2.º Secretário: Maria Manuela Barroso Pacheco
Tesoureiro: Domingos Ferraz Cavez

CONSELHO FISCAL

Presidente: José Luís Barroso Leite
Vogais: Manuel da Costa Semanas
 Fernando Pedro Gonçalves Santos

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Daniel Cardoso Pereira

Esta homologação é válida de 24 de abril de 2015 até 24 de abril de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1016 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de abril de 2015.

3. Programa Pastoral

Informações diversas

Semana Santa. O senhor D. Jorge Ortega presidiu em 02 de abril, na Sé, à Missa Crismal, seguida de almoço no Colégio D. Diogo de Sousa. Presidiu, também na Sé, à Missa Vespertina da Ceia do Senhor. À noite o senhor D. Francisco Senra Coelho presidiu à procissão do Senhor Ecce Homo, organizada pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Braga.

Na manhã de sexta-feira o senhor D. Francisco Senra Coelho presidiu à Oração de Laudes e leu uma reflexão do senhor D. Jorge na qual se exortavam os movimentos apostólicos da Arquidiocese a colocarem os seus carismas ao serviço da transformação do mundo. À Oração de Laudes seguiu-se um serviço de confissões. À tarde o senhor D. Jorge presidiu à celebração da Paixão do Senhor seguida da Procissão Teofórica do Enterro, no interior da Catedral. À noite presidiu também à Procissão do Enterro do Senhor, que saiu da Sé e percorreu diversas ruas da cidade.

Na manhã do Sábado Santo houve na Sé Oração de Laudes e serviço de confissões. Presidiu à Oração de Laudes o senhor D. Francisco Senra Coelho, que leu uma reflexão do senhor D. Jorge na qual solicita aos profissionais de saúde e às paróquias que sirvam generosamente.

À noite o senhor D. Jorge Ortiga presidiu à Vigília Pascal, na qual apelou à participação das famílias cristãs no debate de questões sociais fraturantes.

No domingo, também na Sé, o senhor D. Jorge presidiu à celebração da Ressurreição do Senhor.

O II Festival de Órgão realiza-se entre 29 de maio e 06 de junho, numa iniciativa conjunta da Santa Casa da Misericórdia de Braga, da Arquidiocese e da Câmara Municipal de Braga.

Um III encontro de grupos corais realiza-se na basílica do Sameiro em todos os domingos do mês de maio.

Visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima:

- 31 maio – Arciprestado de Braga
- 01 junho – Arciprestado de Vila Verde
- 02 junho – Arciprestado de Amares
- 03 junho – Arciprestado de Terras de Bouro
- 04 junho – Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 05 junho – Arciprestado de Vieira do Minho
- 06 junho – Arciprestado de Cabeceiras de Basto
- 07 junho – Arciprestado de Celorico de Basto
- 08 junho – Arciprestado de Fafe
- 09 junho – Arciprestado de Guimarães e Vizela
- 10 junho – Arciprestado de Vila Nova de Famalicão
- 11 junho – Arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim
- 12 junho – Arciprestado de Barcelos
- 13 junho – Arciprestado de Esposende
- 14 junho – Entrega à Diocese de Viana do Castelo

Agenda para junho

- 03 – Conselho Arquidiocesano da Pastoral da Saúde.
- 04-07 – Peregrinação a Lourdes – Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde (ACEPS).
- 05-07 – Retiro – Jovens em Caminhada (JOEMCA).
- 06 – Encontro da Equipa Arciprestal de Catequese de Vieira do Minho.
Reflexão Mensal: “Padrões de conduta ética na gestão de Unidades de Saúde” – Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde (ACEPS).
Pré-Seminário no Seminário Menor.
- 07 – Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
Peregrinação Arquidiocesana ao Sameiro.
- 09 – Encontro de coordenadores paroquiais e Equipa Arciprestal de Catequese de Celorico de Basto.
- 13 – Encontro de catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Barcelos.
- 14 – Peregrinação dos Frágeis, em Balasar, Póvoa de Varzim.
Peregrinação do arciprestado de Terras de Bouro ao santuário do Bom Jesus das Mós, em Carvalheira.
- 16 – Encontro de catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Amares.
- 17 – Encontro de catequistas coordenadores paroquiais de Cabeceiras de Basto.
Conselho Episcopal.
- 18 – Conselho Arquidiocesano para a Pastoral Catequética.
- 20 – Encontro de catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Vieira do Minho.
- 21 – Reunião da Equipa – Jovens em Caminhada (JOEMCA).
Ronda da Lapinha, Guimarães.

- 22 – Encontro de avaliação para catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Vila Nova de Famalicão.
- 22-26 – Retiro para Sacerdotes.
- 25 a 28 – Estágio de admissão ao Seminário Menor.
- 26 – Conselho Económico Arquidiocesano.
- 27 – Conselho Arquidiocesano da Pastoral de Jovens (CAPJ.)
- 27 – Dia Arciprestal do Catequista, na Póvoa de Lanhoso. Pré-Seminário no Seminário Conciliar.
- 29 – Encontro da Equipa Arciprestal de Catequese de Fafe.

4. Clero e Seminários

Sacerdotes recordados em Quinta-Feira Santa

Na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa, celebrada em 02 de abril na Sé, foram particularmente lembrados os sacerdotes falecidos ao longo do último ano, os sacerdotes que se ordenaram, os sacerdotes que este ano celebram Bodas de Ouro ou Bodas de Prata.

Além do Arcebispo Emérito D. Eurico Nogueira faleceram os padres: António Carvalho Mariz, António Rodrigo Moreira Dias, António Teixeira, Custódio José da Costa, Fernando Telmo Teixeira de Almeida, João Francisco Marques, Joaquim de Oliveira Bragança, José Carlos da Costa Seara, José da Costa Soares da Mota, José Gonçalves de Sousa, José Miguel Torres Pereira, Manuel Alves Coutinho, Manuel Batista de Sousa, Manuel José Gonçalves.

Foram ordenados sacerdotes Adão Ricardo Pereira Almeida, José Pedro Oliveira Novais, Nuno Jorge Monteiro Castro e Rui Manuel Gomes Sousa.

Celebram Bodas de Ouro Alcino Dias Xavier da Silva, António Palma Alves Martins, Carlos Nuno Salgado Vaz, Joaquim Moisés

Rebello Quinteiro, José Gonçalves Barbosa, Manuel de Oliveira Couto, Manuel Ribeiro Alves.

Celebram Bodas de Prata: Adelino Leitão Ximenes Lopes, António de Oliveira Gonçalves, Joaquim Carneiro da Costa, Manuel Jorge da Silva Gomes.

Notícias diversas

Carta do Prelado. O senhor D. Jorge Ortiga enviou uma carta a cada um dos sacerdotes da Arquidiocese. Tem a data de 05 de abril, dia de Páscoa.

O P. José Carlos da Costa Seara faleceu em 02 de abril, com 87 anos. O funeral realizou-se no dia 03, Sexta-Feira Santa, com a Oração de Laudes na igreja de S. José da paróquia de S. Mamede de Arcozelo, arciprestado de Barcelos.

José Carlos da Costa Seara nasceu em 08 de abril de 1928 em Santa Cristina da Pousa, também arciprestado de Barcelos. Frequentou os Seminários da Arquidiocese e foi ordenado sacerdote em 13 de julho de 1952.

Iniciou o seu ministério sacerdotal como prefeito e professor no Seminário de Santiago.

Em 1955 foi nomeado pároco de Arcozelo, de que foi dispensado em 2004. Em 2005 foi nomeado Capelão da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e colaborador da paróquia de Santa Maria Maior. Foi assistente de alguns cursos de CPM – Preparação para o Matrimónio e do SEDC – Serviço de Entregada e Documentação Conjugal.

Em 11 de abril foi-lhe prestada homenagem póstuma em Arcozelo, onde foi inaugurado um busto em sua memória, da autoria do escultor César Portela.

Nessa altura recordou-se o muito que, ao longo de 49 anos, fez naquela paróquia, destacando-se a construção da nova igreja e do Centro Social e Paroquial.

A Câmara Municipal de Barcelos tinha-lhe atribuído em 2008 a medalha de Mérito Municipal – Grau Prata.

Quatro seminaristas foram instituídos em 26 de abril no Ministério de Leitor, em celebração a que presidiu o senhor D. Francisco Senra Coelho.

Um encontro de capelães hospitalares realizou-se em 18 de abril no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese.

Uma recolção para o Clero realizou-se em 28 de abril no Seminário Conciliar. Foi orientada por Frei Luís Oliveira, OFM.

Utentes da Casa Sacerdotal receberam em 23 de abril o sacramento da Santa Unção, integrado numa celebração eucarística a que presidiu o senhor D. Jorge Ortiga.

5. Religiosos/as

Notícias diversas

A Comunidade Católica Shalom organizou em 12 de abril, na Basílica dos Congregados, a festa da Divina Misericórdia.

A Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus encerrou em 24 de abril, na Casa de Saúde do Bom Jesus, as comemorações do centenário da morte do fundador, S. Bento Menni.

O P. António Ribeiro Laranjeira, da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, faleceu em 04 de abril no Seminário de Fraião, em Braga. Tinha 77 anos.

Era natural de Marinhãs, arceprelado de Esposende, em cujo cemitério foi sepultado.

O P. Abel Moreira Dias, da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, faleceu em 21 de abril no Seminário de Fraião. Tinha 78 anos de idade.

6. Património

Notícias diversas

Órgãos de tubos. A Arquidiocese quer fazer um inventário dos órgãos de tubos existentes, a começar pelo arciprestado de Braga, disse em 13 de abril o Cónego José Paulo Abreu. Saber quantos estão funcionais, os que precisam de um pequeno arranjo, os que necessitam de uma intervenção de fundo.

Em Braga, onde existem cerca de 50, está a ser intervencionado o da igreja de S. Vítor e precisam de intervenções os do Lar Conde de Agrolongo, da igreja de S. Paulo e de Tibães.

Santuário em Balasar. Uma ideia do que poderá ser um santuário a construir em Balasar, Póvoa de Varzim, em honra da Beata Alexandrina, foi apresentada em 25 de abril.

Construído em forma de manto/tenda, com torre e uma cruz, terá, além da nave central com 2.750 lugares, uma capela para celebração semanal (140 lugares), uma capela para confissões (70 lugares), batistério, sacristia, centro de apoio ao peregrino e centro de espiritualidade (para conferências, formação). O sacrário ficará no centro do templo, para que seja visto de todas as capelas.

A paróquia de Cepães, no arciprestado de Fafe, inaugurou em 26 de abril obras realizadas na igreja paroquial.

7. Educação da Fé

Notícias diversas

Meio milhar de cristãos ortodoxos – ucranianos, russos, romenos, moldavos, bielorrussos – celebraram em 12 de abril, na Igreja da Lapa, em Braga, a Páscoa segundo o rito bizantino.

A celebração, organizada em dois turnos (das 03h00 às 05h00 e das 09h30 às 11h00) foi presidida pelo padre Tkachuk Dmytro, da Igreja Ucraniana Ortodoxa do Patriarcado de Kiev.

Um retiro espiritual, destinado sobretudo a catequistas, realizou-se de 16 a 19 de abril na Casa da Torre, em Soutelo, e foi orientado pelo P. António Santana, da Companhia de Jesus.

Encontros de coros litúrgicos, promovidos pela Zona Pastoral do Cávado do arceparquado de Braga, realizaram-se em 19 de abril nas paróquias de Crespos e de Real.

No primeiro participaram coros de Crespos, Dume, Palmeira. Participaram no segundo coros de Gondizalves, Merelim, Padim da Graça, Panoias e Real.

A Igreja no Mundo Atual foi o tema das XXVII Jornadas Teológicas, organizadas pela Associação de Estudantes da Faculdade de Teologia de Braga em conjunto com a revista

«Cenáculo». Decorreram no Auditório Vita, à noite, nos dias 28, 29 e 30 de abril.

As paróquias de Gondizalves e de Semelhe, no arcepresbiterado de Braga, realizaram em 24/25 de abril uma peregrinação, a pé, a S. Bento da Porta Aberta.

Uma Bênção de Grávidas realizou-se em 26 de abril na igreja paroquial de S. José de S. Lázaro, em Braga. Participaram quatro dezenas de senhoras, acompanhadas pelos respetivos maridos.

Promovida pela Pastoral da Família da Zona Pastoral da Cidade do arcepresbiterado de Braga, recordou a memória de Santa Joana Beretta Molla.

Guião para uma peregrinação. A Irmandade de S. Bento da Porta Aberta publicou o «Guião para uma peregrinação», com que pretende contribuir para que os peregrinos de S. Bento façam dessa jornada uma verdadeira caminhada de oração.

31 dias com Maria. A Equipa Formadora do Seminário Conciliar editou, para a celebração do mês de maio, o livro «31 dias com Maria». Contém colaboração de leigos, religiosos e presbíteros.

8. Apostolado dos Leigos

Notícias diversas

«**A solidão mata**» foi o tema da VI assembleia interparoquial das famílias de Ferreiros, Sequeira e Vilaça, no arciprestado de Braga. Realizou-se em 11 de abril no auditório do multiusos da freguesia de Sequeira.

Uma tertúlia sobre «A Mulher na sociedade e na Igreja» realizou-se em 18 de abril no Centro Espírito Santo e Missão (Seminário da Silva), no arciprestado de Barcelos.

«**Para uma fé jovem e alegre**» foi o lema de uma peregrinação jovem promovida em 18 de abril pela paróquia de Balasar, no arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim.

O Dia Arciprestal dos Movimentos Juvenis realizou-se em 25 de abril no Centro Cívico e Pastoral de Vila Nova de Famalicão.

Subordinado ao tema «Mostra-te», teve como objetivo despertar os jovens para a descoberta do sentido vocacional da vida de todo o cristão, chamado a viver a Fé da Igreja com alegria e entusiasmo.

Várias centenas de lobitos desfilaram em 19 de abril na Avenida Central, em Braga. Depois, no Auditório Vita, assistiram ao musical «O Livro da Selva».

46 escuteiros (lobitos, exploradores e caminheiros) fizeram em 19 de abril, em Ribeirão, a Promessa Escutista. Na véspera, à noite, participaram numa Velada de Armas.

Fundado em 14 de abril de 2013, o Agrupamento 1374 do Corpo Nacional de Escutas, de Ribeirão, arquiprestado de Vila Nova de Famalicão, tem 182 elementos. É chefiado por Leonel Rocha.

34 pares de noivos participaram em 18/19 de abril, na paróquia de S. José de S. Lázaro, arquiprestado de Braga, numa série de encontros de preparação para o matrimónio.

Foram versados os temas: conhecer é preparar o futuro – a relação a dois/o amor (razão do casamento); prevenção/superação dos conflitos; a arte de viver em família – a força do diálogo, escola de amor e de perdão, trabalho e namoro; ser família cristã – evangelização e missão (no lar e na comunidade); paternidade responsável – intimidade e fecundidade; casar em Igreja – sacramento do matrimónio.

A equipa de animadores era formada por casais das paróquias de Ferreiros, Sé, S. José de S. Lázaro, Santo Adrião e São Vítor.

Vinte e três pares de noivos concluíram em 19 de abril, no Centro Social Paroquial de Ribeirão, arquiprestado de Vila Nova de Famalicão, mais um conjunto de sessões de preparação para o matrimónio.

Foi seguido o habitual esquema do CPM (Centro de Preparação para o Matrimónio) mas com algumas inovações.

A equipa que deu testemunho era constituída por casais das paróquias de Ribeirão, Fradelos, Lousado e Esmeriz. Foi conselheiro espiritual Mons. Joaquim Carvalho Fernandes.

Leitores do arciprestado de Vila Nova de Famalicão participaram em 28, 29 e 30 de abril, à noite, no Centro Pastoral da Cidade, numa série de encontros de formação.

Acólitos do arciprestado de Braga contactaram em 25 de abril com a vida atual da comunidade beneditina em Portugal. Visitaram o mosteiro de Singeverga e o convento de Roriz.

«A sociedade moderna e o papel da Igreja como referencial de valores e agente de intervenção social e cultural» foi o tema de uma tertúlia orientada por Guilherme de Oliveira Martins, presidente do Tribunal de Contas e do Centro Nacional de Cultura.

Promovida pelo Fórum Interdisciplinar da Pastoral Universitária de Braga, realizou-se em 29 de abril no Centro Pastoral Universitário (CPU), junto à Universidade do Minho.

O Movimento Convívios Fraternos de Braga realizou em Guimarães, em 26 de abril, um encontro diocesano em que participaram jovens de Amares, Barcelos, Braga, Guimarães, Vieira do Minho e Vila Verde.

Os jovens foram convidados a espalhar e anunciar a felicidade no meio onde vivem.

9. Pastoral Social

Notícias diversas

Visita aos estabelecimentos prisionais. O senhor D. Jorge Ortiga visitou em 01 de abril os reclusos dos estabelecimentos prisionais de Braga e de Guimarães, a cada um dos quais ofereceu um «Doce da Burrinha» e entregou uma carta.

Com esta visita o Prelado Bracarense pretendeu «levar uma palavra amiga» a cada um dos detidos numa época que «pode pedir mudanças».

«O cristão na ação social» foi o tema de uma conferência que o Cardenal Óscar Maradiaga, presidente da Caritas Internacional, proferiu em 07 de abril no Auditório Vita.

Este mesmo Purpurado foi homenageado em Fafe, no dia 08, no contexto do programa «Fafe Terra Justa», onde salientou a importância da fraternidade e sublinhou ser o bem comum o grande objetivo da atividade política.

O Grupo de Jovens de Arentim, no arceprelado de Braga, promoveu em 18 de abril o 1.º Encontro de Gupos Corais Jovens de Arentim, com o fim de angariar alimentos para serem distribuídos pelas famílias carenciadas da paróquia. Foram recolhidos cerca de 150 quilos de alimentos.

Alunos do Externato Paulo VI, de Braga, vão ajudar crianças de Timor com o que juntaram na renúncia da Quaresma e na celebração pascal que realizaram em 10 de abril.

A Caritas Arquidiocesana apresentou em 28 de abril, no Auditório da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica, os livros «Cristãos pensadores do social» (1.º volume), «Moralidade pessoal na história», «Amor que transforma o mundo», «Frederico Ozanan».

São obras sobre o pensamento social cristão, a responsabilidade moral de cada um na História e o poder do amor cristão para mudar o mundo.

Interconexões. A Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa apresentou em 28 de abril os dois primeiros números da revista «Interconexões». Apresentam um conjunto de artigos científicos maioritariamente centrados em questões dos riscos e da criminalidade.

A Casa de Saúde do Bom Jesus espera iniciar dentro em breve a obra de ampliação do edifício daquele centro hospitalar. Orçada em 13/14 milhões de euros, dotará a Casa de Saúde de mais 180 camas. O projeto prevê a modernização das enfermarias e dos refeitórios e a remodelação de todas as instalações.

A Santa Casa da Misericórdia de S. Miguel de Refojos, arceprelado de Cabeceiras de Basto, inagurou oficialmente, em 24 de abril, a Unidade de Cuidados Continuados Dr. Francisco Meireles, em funcionamento já desde 23 de fevereiro.

Representa um investimento de 2.800.000 euros e dispõe de 15 quartos duplos e um quarto individual.

2.

Da Igreja em Portugal

Assembleia Plenária da Conferência Episcopal

A Conferência Episcopal Portuguesa reuniu em sessão plenária entre 13 e 16 de abril. No fim foi divulgado o seguinte comunicado:

Os Bispos portugueses estiveram reunidos em Assembleia Plenária de 13 a 16 de abril de 2015, em Fátima, com a presença do Nuncio Apostólico, e do Presidente e da Vice-Presidente da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal.

No início dos trabalhos, a Assembleia exprimiu votos de congratulação e fraternas felicitações a D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, pelo novo serviço apostólico de que foi incumbido pelo Papa Francisco, criando-o Cardeal da Igreja Católica, e pela recente escolha como membro da Congregação para o Clero.

Em sintonia com os apelos do Papa Francisco, a Assembleia manifestou preocupação pela perseguição aos cristãos em vários países do mundo, sobretudo no Próximo Oriente e recentemente no Quênia, o que deveria exigir uma atenção redobrada por parte

de todos na defesa da vida, dos direitos humanos e da liberdade religiosa.

Aproximando-se um tempo de eleições em Portugal, a Assembleia refletiu sobre a necessidade de a sociedade portuguesa assentar numa base comum de valores sociais e humanistas. A sociedade ganharia se tivesse em conta princípios do pensamento social cristão, tão acentuados na programática exortação apostólica «A Alegria do Evangelho» do Papa Francisco.

Causas essenciais como o respeito pelo bem comum, pelos princípios da solidariedade e da subsidiariedade, pela vida empresarial criadora de trabalho e da riqueza, pela justa promoção social dos pobres, pelo apoio aos mais frágeis, em particular os nascituros, às mães gestantes e às famílias deveriam constar nas propostas concretas e consistentes dos partidos e candidatos.

Esperamos que os que se propõem servir politicamente o País se pronunciem também sobre a salvaguarda da vida humana em todas as suas fases, a valorização da vida familiar e da educação dos filhos, o trabalho e o emprego, a saúde e a segurança social, o acompanhamento dos que emigram, a integração dos imigrantes e o diálogo sociocultural inclusivo.

«A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo», tema da próxima Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos em outubro, foi objeto de aprofundada análise por parte dos membros da Assembleia. A reflexão teve como ponto de partida a síntese das respostas das Dioceses às perguntas do documento preparatório (Lineamenta), que será enviada para a Secretaria Geral do Sínodo.

A Assembleia aprovou uma Nota Pastoral sobre a «Visita da Imagem Peregrina às Dioceses de Portugal», que vai decorrer de maio de 2015 a maio de 2016 no âmbito do programa de preparação para o centenário das aparições de Nossa Senhora em

Fátima. A mensagem de Fátima, «coração espiritual de Portugal» (Bento XVI), é proposta em dinamismo de peregrinação de uma Igreja em missão evangelizadora.

Os Centros Sociais Paroquiais, enquanto instituições de solidariedade social, foram objeto de longa reflexão, quanto à sua autonomia, gestão, eclesialidade e sustentabilidade, tendo em conta a sua situação concreta e as orientações da Igreja. Em ligação com esta temática, a Assembleia aprovou um modelo de Estatutos para os Centros Sociais Paroquiais e outros Institutos da Igreja Católica, a serem utilizados por cada Centro e Instituto, para adequar os seus Estatutos ao novo Decreto-Lei n.º 172-A/2014, de 14 de novembro, e admitindo adaptações em cada diocese.

Com o mesmo objetivo de poderem adequar os seus Compromissos (Estatutos) à mesma legislação, a Assembleia aprovou um novo Compromisso-modelo para as Irmandades da Misericórdia.

No tempo de informações, comunicações e programações, a Assembleia foi informada das várias iniciativas das comissões episcopais e doutros organismos da Conferência Episcopal, que estão divulgadas nos respetivos sites.

Abordou ainda outros assuntos de interesse comum: organização da visita ad limina dos bispos portugueses (4-12 de setembro); Jornadas Pastorais do Episcopado (15-17 de junho) sobre a Vida Consagrada, com a presença dos Superiores e Superiores Maiores dos Institutos Religiosos e Seculares; missão do Pontifício Colégio Português em Roma no apoio à formação superior do clero; plano estratégico da Faculdade de Teologia para 2015-2020, nos três núcleos de Lisboa, Porto e Braga, da Universidade Católica Portuguesa; realização do 4.º Congresso Eucarístico Nacional em Fátima, a 10-12 de junho de 2016.

A Assembleia procedeu às seguintes nomeações para o próximo triénio: Padre Válder Henrique Machado Malaquias, do Patriarcado

de Lisboa, para Conselheiro Espiritual Nacional das Equipas Jovens de Nossa Senhora; Padre Eduardo Alexandre Esteves Novo, dos Padres Marianos, para Diretor do Departamento Nacional da Pastoral Juvenil; Padre Eduardo Jorge Gomes da Costa Duque, da Arquidiocese de Braga, para Assistente do Serviço Nacional da Pastoral do Ensino Superior; Padre Carlos Alberto da Graça Godinho, da Diocese de Coimbra, para Diretor da Obra Nacional da Pastoral do Turismo.

Fátima, 16 de abril de 2015

Visita da imagem peregrina às dioceses de Portugal

A Conferência Episcopal Portuguesa aprovou em 16 de abril uma nota sobre a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima às dioceses de Portugal.

Na proximidade do centenário

No âmbito do programa de preparação para o centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima, as dioceses de Portugal acolherão a imagem da Virgem Peregrina, entre maio de 2015 e maio de 2016.

A Igreja em Portugal tem, assim, ocasião para rejubilar de alegria, ao aproximar-se esta celebração. Ao acolhê-la como vivência da fé, exprime a certeza de que Deus nunca abandona a humanidade, mesmo quando a esperança parece vacilar no meio dos dramas e

incertezas do tempo presente, mas sempre a conduz para o encontro salvífico com seu Filho Jesus Cristo.

Ao reconhecer às aparições de Fátima o estatuto de revelações, embora particulares, a Igreja está em sintonia com a multidão de homens e mulheres que vivem a fé cristã animados pela força de uma mensagem plenamente conforme ao Evangelho de Jesus Cristo. Nela se encontram os elementos constitutivos do cristianismo: a fé em Deus Trindade Santíssima, a centralidade da Eucaristia celebrada e adorada, a condição da Igreja como Povo de Deus, a figura do Papa como promotor da unidade e da caridade entre os cristãos, a penitência e a oração como meios que conduzem à conversão a Deus e ao amor dos irmãos, a paz em todas as suas dimensões como efeito salvífico da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Por isso, desde muito cedo a própria hierarquia da Igreja acolheu a dimensão sobrenatural das aparições de Nossa Senhora em Fátima. As peregrinações dos Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI, bem como de inúmeros membros do episcopado, do clero e cristãos do mundo inteiro mostram como Fátima está no coração da Igreja.

Fátima, coração espiritual de Portugal

Em Portugal, a força da fé cristã e o modo como ela se vive não seriam os mesmos sem este precioso auxílio divino. De facto, ao longo destes últimos cem anos, o catolicismo do nosso país, já antes radicalmente mariano, foi sendo também profundamente impregnado da espiritualidade de Fátima.

Hoje, a piedade popular de cariz mariano e inspirada pelos apelos de Fátima faz parte integrante da expressão de fé do Povo de Deus em todos os recantos do nosso país, das zonas rurais às urbanas, do mundo mais simples ao mais desenvolvido social e culturalmente. Tanto no culto mariano celebrado na liturgia da Igreja, como na piedade popular expressa nas peregrinações, festas,

romarias e outras manifestações de devoção, é notória a especial predileção dos portugueses pela via mariana presente em Fátima.

“Fátima é o coração espiritual de Portugal”, como afirmou o Papa Bento XVI na sua peregrinação de 13 de maio de 2010. Para isso muito têm contribuído as iniciativas promovidas ou acolhidas pelo Santuário de Fátima: os inúmeros retiros espirituais, congressos teológicos e encontros de espiritualidade, as celebrações dos vários Sacramentos, particularmente da Eucaristia e da Reconciliação, os diversos exercícios da piedade popular, entre os quais se destacam as peregrinações, levam os pequenos grupos ou as grandes multidões ao encontro com Deus e com a Igreja.

Para isso contribui também a veneração da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A sua presença generalizada nas nossas igrejas e capelas é um dos sinais mais evidentes do acolhimento universal que o povo lhe concede como sua intercessora junto de Deus e como portadora da mensagem da paz para a Igreja e para o Mundo de hoje.

Um momento de missão evangelizadora

Esperamos, por isso, que esta visita da imagem da Virgem Peregrina de Fátima mobilize todas as comunidades cristãs para um acolhimento caloroso, marcado pela alegria de receber, na fé, o ícone da Mãe de Deus e Mãe dos Homens, contemplação do rosto terno e misericordioso de Deus, sempre objeto da devoção e do carinho dos fiéis. Na simplicidade e na grandeza de povo crente, entoaremos com Maria o cântico de louvor e gratidão a Deus pela grandeza das suas obras, proclamando com entusiasmo a profecia do Magnificat: “de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações” (Lc 1, 48).

Aproveitamos este momento de graça para convidar o Povo de Deus a entrar em profundidade na celebração da sua fé, particularmente por meio da participação na Eucaristia, da celebração do

Sacramento da Penitência e da Unção dos Doentes; para incentivar à oração de adoração diante do Santíssimo Sacramento, tão característica da espiritualidade de Fátima; e para relançar o hábito da oração mariana do Rosário nas famílias cristãs, acompanhada pelas meditações bíblicas e pelo silêncio contemplativo.

Convidamos as crianças a crescerem no amor a Jesus e a Nossa Senhora, seguindo o exemplo dos Três Pastorinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco. Pedimos a todos que acolham a imagem da Virgem Peregrina com sobriedade e que a visita seja ocasião de solicitude e partilha com os pobres.

Enquanto fenómeno mobilizador das multidões, a mensagem e a espiritualidade marianas de Fátima predisõem, de facto, muitos corações para acolherem a ação evangelizadora da Igreja. Esperamos que este acontecimento de grande alcance eclesial deixe marcas muito positivas nas comunidades cristãs, ajude a renascer a alegria do encontro com o Evangelho de Jesus Cristo e o entusiasmo de viver em Igreja.

Aproveitemos esta peregrinação como incentivo para a concretização do grande objetivo da Igreja em Portugal: a evangelização. De acordo com a nossa Nota Pastoral “Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal” (11 de abril de 2013), os caminhos que se abrem à Igreja entre nós vêm à luz no contexto da caminhada para o centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima (cf. nº 5). Que Maria, a Estrela da Evangelização, nos ajude a encontrar os meios para a renovação pastoral delineados pela Conferência Episcopal Portuguesa e pelas nossas dioceses, em sintonia com os caminhos apontados pelo magistério do Papa Francisco, particularmente na Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho”.

A todos exortamos a acolherem a Virgem Peregrina de Fátima como a imagem da “Igreja em saída”, que vai ao encontro dos seus filhos e filhas em todas as periferias, para lhes levar o anúncio de Jesus Cristo como o único Salvador.

3.

Da Santa Sé

Misericordiae Vultus

Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Francisco, Bispo de Roma, Servo dos Servos de Deus, a quantos lertem esta carta, graça, misericórdia e paz.

1. Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa,[1] Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.

[1] Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 4.

2. Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

3. Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes.

O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de Dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição. Esta festa litúrgica indica o modo de agir de Deus desde os primórdios da nossa história. Depois do pecado de Adão e Eva, Deus não quis deixar a humanidade sozinha e à mercê do mal. Por isso, pensou e quis Maria santa e imaculada no amor (cf. Ef 1, 4), para que Se tornasse a Mãe do Redentor do homem. Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa. Na festa da Imaculada Conceição, terei a alegria de abrir a Porta Santa. Será então uma Porta da Misericórdia, onde qualquer pessoa que entre poderá experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança.

No domingo seguinte, o Terceiro Domingo de Advento, abrir-se-á a Porta Santa na Catedral de Roma, a Basílica de São João de Latrão. E em seguida será aberta a Porta Santa nas outras Basílicas

Papais. Estabeleço que no mesmo domingo, em cada Igreja particular – na Catedral, que é a Igreja-Mãe para todos os fiéis, ou na Concatedral ou então numa Igreja de significado especial – se abra igualmente, durante todo o Ano Santo, uma Porta da Misericórdia. Por opção do Ordinário, a mesma poderá ser aberta também nos Santuários, meta de muitos peregrinos que frequentemente, nestes lugares sagrados, se sentem tocados no coração pela graça e encontram o caminho da conversão. Assim, cada Igreja particular estará directamente envolvida na vivência deste Ano Santo como um momento extraordinário de graça e renovação espiritual. Portanto o Jubileu será celebrado, quer em Roma quer nas Igrejas particulares, como sinal visível da comunhão da Igreja inteira.

4. Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai.

Voltam à mente aquelas palavras, cheias de significado, que São João XXIII pronunciou na abertura do Concílio para indicar a senda a seguir: «Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecuménico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente,

cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados».[2] E, no mesmo horizonte, havia de colocar-se o Beato Paulo VI, que assim falou na conclusão do Concílio: «Desejamos notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. (...) Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. (...) Uma corrente de interesse e admiração saiu do Concílio sobre o mundo actual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro. Assim se fez, para que, em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança; para que o Concílio falasse ao mundo actual não com presságios funestos mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas e, depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços. (...) Uma outra coisa, julgamos digna de consideração. Toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades».[3]

Com estes sentimentos de gratidão pelo que a Igreja recebeu e de responsabilidade quanto à tarefa que nos espera, atravessaremos a Porta Santa com plena confiança de ser acompanhados pela força do Senhor Ressuscitado, que continua a sustentar a nossa peregrinação. O Espírito Santo, que conduz os passos dos crentes de forma a cooperarem para a obra de salvação realizada por Cristo, seja guia e apoio do povo de Deus a fim de o ajudar a contemplar o rosto da misericórdia. [4]

[2] *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II, Gaudet Mater Ecclesia* (11 de Outubro de 1962), 2-3.

[3] *Alocução na última sessão pública* (7 de Dezembro de 1965).

[4] Cf. *Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. Lumen gentium*, 16; *Const. past. Gaudium et spes*, 15.

5. O Ano Jubilar terminará na solenidade litúrgica de Jesus Cristo, Rei do Universo, 20 de Novembro de 2016. Naquele dia, ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça. Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à Realeza de Cristo, para que derrame a sua misericórdia, como o orvalho da manhã, para a construção duma história fecunda com o compromisso de todos no futuro próximo. Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós.

6. «É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onnipotência».[5] Estas palavras de São Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não seja, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onnipotência de Deus. É por isso que a liturgia, numa das suas colectas mais antigas, convida a rezar assim: «Senhor, que dais a maior prova do vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis...»[6] Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso.

«Paciente e misericordioso» é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O facto de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas acções da história da salvação, onde a sua bondade

[5] Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, II-II, q. 30, a. 4.

[6] Domingo XXVI do Tempo Comum. Esta colecta já aparece, no séc. VIII, entre os textos eucológicos do Sacramentário Gelasiano (1198).

prevalece sobre o castigo e a destruição. Os Salmos, em particular, fazem sobressair esta grandeza do agir divino: «É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura» (103/102, 3-4). E outro Salmo atesta, de forma ainda mais explícita, os sinais concretos da misericórdia: «O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores» (146/145, 7-9). E, para terminar, aqui estão outras expressões do Salmista: «[O Senhor] cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas. (...) O Senhor ampara os humildes, mas abate os malfeitores até ao chão» (147/146, 3.6). Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstracta mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor «visceral». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão.

7. «Eterna é a sua misericórdia»: tal é o refrão que aparece em cada versículo do Salmo 136, ao mesmo tempo que se narra a história da revelação de Deus. Em virtude da misericórdia, todos os acontecimentos do Antigo Testamento aparecem cheios dum valor salvífico profundo. A misericórdia torna a história de Deus com Israel uma história da salvação. O facto de repetir continuamente «eterna é a sua misericórdia», como faz o Salmo, parece querer romper o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se se quisesse dizer que o homem, não só na história mas também pela eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai. Não é por acaso que o povo de Israel tenha querido inserir este Salmo – o «grande hallel», como lhe chamam – nas festas litúrgicas mais importantes.

Antes da Paixão, Jesus rezou ao Pai com este Salmo da misericórdia. Assim o atesta o evangelista Mateus quando afirma que «depois de cantarem os salmos» (26, 30), Jesus e os discípulos saíram para o Monte das Oliveiras. Enquanto instituía a Eucaristia, como memorial perpétuo d'Ele e da sua Páscoa, Jesus colocava simbolicamente este acto supremo da Revelação sob a luz da misericórdia. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz. O facto de saber que o próprio Jesus rezou com este Salmo torna-o, para nós cristãos, ainda mais importante e compromete-nos a assumir o refrão na nossa oração de louvor diária: «eterna é a sua misericórdia».

8. Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d'Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão.

Vendo que a multidão de pessoas que O seguia estava cansada e abatida, Jesus sentiu, no fundo do coração, uma intensa compaixão por elas (cf. Mt 9, 36). Em virtude deste amor compassivo, curou os doentes que Lhe foram apresentados (cf. Mt 14, 14) e, com poucos pães e peixes, saciou grandes multidões (cf. Mt 15, 37). Em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia no coração dos seus interlocutores e

dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham. Quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho a sepultar, sentiu grande compaixão pela dor imensa daquela mãe em lágrimas e entregou-lhe de novo o filho, ressuscitando-o da morte (cf. Lc 7, 15). Depois de ter libertado o endemoninhado de Gerasa, confia-lhe esta missão: «Conta tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti» (Mc 5, 19). A própria vocação de Mateus se insere no horizonte da misericórdia. Ao passar diante do posto de cobrança dos impostos, os olhos de Jesus fixaram-se nos de Mateus. Era um olhar cheio de misericórdia que perdoava os pecados daquele homem e, vencendo as resistências dos outros discípulos, escolheu-o, a ele pecador e publicano, para se tornar um dos Doze. São Beda o Venerável, ao comentar esta cena do Evangelho, escreveu que Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o: miserando atque eligendo.[7] Sempre me causou impressão esta frase, a ponto de a tomar para meu lema.

9. Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a dum Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia. Conhecemos estas parábolas, três em especial: as da ovelha extraviada e da moeda perdida, e a do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15, 1-32). Nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão.

Temos depois outra parábola da qual tiramos uma lição para o nosso estilo de vida cristã. Interpelado pela pergunta de Pedro

[7] Cf. *Homilia 21: CCL 122, 149-151.*

sobre quantas vezes fosse necessário perdoar, Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt 18, 22) e contou a parábola do «servo sem compaixão». Este, convidado pelo senhor a devolver uma grande quantia, suplica-lhe de joelhos e o senhor perdoa-lhe a dívida. Mas, imediatamente depois, encontra outro servo como ele, que lhe devia poucos centésimos; este suplica-lhe de joelhos que tenha piedade, mas aquele recusa-se e fã-lo meter na prisão. Então o senhor, tendo sabido do facto, zanga-se muito e, convocando aquele servo, diz-lhe: «Não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?» (Mt 18, 33). E Jesus concluiu: «Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração» (Mt 18, 35).

A parábola contém um ensinamento profundo para cada um de nós. Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para connosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: «Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento» (Ef 4, 26). E sobretudo escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7) é a bem-aventurança a que devemos inspirar-nos, com particular empenho, neste Ano Santo.

Na Sagrada Escritura, como se vê, a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não Se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstracta. Por sua própria natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na actividade de todos os dias. A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-Se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. E, em sintonia com isto, se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros.

10. A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua acção pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja «vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia».[8] Talvez, demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa de ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda

[8] Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 24.

e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança.

11. Não podemos esquecer o grande ensinamento que ofereceu São João Paulo II com a sua segunda encíclica, a *Dives in misericordia*, que então surgiu inesperada suscitando a surpresa de muitos pelo tema que era abordado. Desejo recordar especialmente dois trechos. No primeiro deles, o Santo Papa assinalava o esquecimento em que caíra o tema da misericórdia na cultura dos nossos dias: «A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou (cf. Gn 1, 28). Um tal domínio sobre a terra, entendido por vezes unilateral e superficialmente, parece não deixar espaço para a misericórdia. (...) Por esse motivo, na hodierna situação da Igreja e do mundo, muitos homens e muitos ambientes guiados por um vivo sentido de fê, voltam-se quase espontaneamente, por assim dizer, para a misericórdia de Deus».[9]

Além disso, São João Paulo II motivava assim a urgência de anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo: «Ela é ditada pelo amor para com o homem, para com tudo o

[9] João Paulo II, *Carta enc. Dives in misericordia*, 2.

que é humano e que, segundo a intuição de grande parte dos contemporâneos, está ameaçado por um perigo imenso. O próprio mistério de Cristo (...) obriga-me igualmente a proclamar a misericórdia como amor misericordioso de Deus, revelada também no mistério de Cristo. Ele me impele ainda a apelar para esta misericórdia e a implorá-la nesta fase difícil e crítica da história da Igreja e do mundo».[10] Tal ensinamento é hoje mais actual do que nunca e merece ser retomado neste Ano Santo. Acolhamos novamente as suas palavras: «A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora».[11]

12. A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma acção pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-

[10] *Ibid.*, 15.

[11] *Ibid.*, 13.

–se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia.

13. Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: Misericordiosos como o Pai. O evangelista refere o ensinamento de Jesus, que diz: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36). É um programa de vida tão empenhativo como rico de alegria e paz. O imperativo de Jesus é dirigido a quantos ouvem a sua voz (cf. Lc 6, 27). Portanto, para ser capazes de misericórdia, devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Isso significa recuperar o valor do silêncio, para meditar a Palavra que nos é dirigida. Deste modo, é possível contemplar a misericórdia de Deus e assumi-la como próprio estilo de vida.

14. A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, enquanto ícone do caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação e o ser humano é viator, um peregrino que percorre uma estrada até à meta anelada. Também para chegar à Porta Santa, tanto em Roma como em cada um dos outros lugares, cada pessoa deverá fazer, segundo as próprias forças, uma peregrinação. Esta será sinal de que a própria misericórdia é uma meta a alcançar que exige empenho e sacrifício. Por isso, a peregrinação há-de servir de estímulo à conversão: ao atravessar a Porta Santa, deixar-nos-emos abraçar pela misericórdia de Deus e comprometer-nos-emos a ser misericordiosos com os outros como o Pai o é connosco.

O Senhor Jesus indica as etapas da peregrinação através das quais é possível atingir esta meta: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbor-

dante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco» (Lc 6, 37-38). Ele começa por dizer para não julgar nem condenar. Se uma pessoa não quer incorrer no juízo de Deus, não pode tornar-se juiz do seu irmão. É que os homens, no seu juízo, limitam-se a ler a superfície, enquanto o Pai vê o íntimo. Que grande mal fazem as palavras, quando são movidas por sentimentos de ciúme e inveja! Falar mal do irmão, na sua ausência, equivale a deixá-lo mal visto, a comprometer a sua reputação e deixá-lo à mercê das murmurações. Não julgar nem condenar significa, positivamente, saber individuar o que há de bom em cada pessoa e não permitir que venha a sofrer pelo nosso juízo parcial e a nossa pretensão de saber tudo. Mas isto ainda não é suficiente para se exprimir a misericórdia. Jesus pede também para perdoar e dar. Ser instrumentos do perdão, porque primeiro o obtivemos nós de Deus. Ser generosos para com todos, sabendo que também Deus derrama a sua benevolência sobre nós com grande magnanimidade.

Misericordiosos como o Pai é, pois, o «lema» do Ano Santo. Na misericórdia, temos a prova de como Deus ama. Ele dá tudo de Si mesmo, para sempre, gratuitamente e sem pedir nada em troca. Vem em nosso auxílio, quando O invocamos. É significativo que a oração diária da Igreja comece com estas palavras: «Deus, vinde em nosso auxílio! Senhor, socorrei-nos e salvai-nos» (Sal 70/69, 2). O auxílio que invocamos é já o primeiro passo da misericórdia de Deus para conosco. Ele vem para nos salvar da condição de fraqueza em que vivemos. E a ajuda d'Ele consiste em fazer-nos sentir a sua presença e proximidade. Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos também nós tornar-nos compassivos para com todos.

15. Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramá-

tica. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo actual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos. Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habitação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo.

Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados: se demos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e vestimos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso (cf. Mt 25, 31-45). De igual modo ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar da dúvida, que faz cair no medo e muitas vezes é fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância em que vivem milhões de pessoas, sobretudo as crianças desprovidas da ajuda necessária para se resgatarem da pobreza; se nos detivemos junto de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofende e rejeitamos todas as formas de ressentimento e ódio que levam à violência; se tivemos paciência, a exemplo de Deus que é tão paciente connosco; enfim se, na oração, confiamos ao Senhor os nossos irmãos e irmãs. Em cada um destes «mais pequeninos», está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga

... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: «Ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor».[12]

16. No Evangelho de Lucas, encontramos outro aspecto importante para viver, com fé, o Jubileu. Conta o evangelista que Jesus voltou a Nazaré e ao sábado, como era seu costume, entrou na sinagoga. Chamaram-No para ler a Escritura e comentá-la. A passagem era aquela do profeta Isaías onde está escrito: «O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano de misericórdia do Senhor» (61,1-2). «Um ano de misericórdia»: isto é o que o Senhor anuncia e que nós desejamos viver. Este Ano Santo traz consigo a riqueza da missão de Jesus que ressoa nas palavras do Profeta: levar uma palavra e um gesto de consolação aos pobres, anunciar a libertação a quantos são prisioneiros das novas escravidões da sociedade contemporânea, devolver a vista a quem já não consegue ver porque vive curvado sobre si mesmo, e restituir dignidade àqueles que dela se viram privados. A pregação de Jesus torna-se novamente visível nas respostas de fé que o testemunho dos cristãos é chamado a dar. Acompanhem-nos as palavras do Apóstolo: «Quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria» (Rm 12, 8).

17. A Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus. Quantas páginas da Sagrada Escritura se podem meditar, nas semanas da Quaresma, para redescobrir o rosto misericordioso do

[12] *Ditos de luz e amor*, 57.

Pai! Com as palavras do profeta Miqueias, podemos também nós repetir: Vós, Senhor, sois um Deus que tira a iniquidade e perdoa o pecado, que não Se obstina na ira mas Se compraz em usar de misericórdia. Vós, Senhor, voltareis para nós e tereis compaixão do vosso povo. Apagareis as nossas iniquidades e lançareis ao fundo do mar todos os nossos pecados (cf. 7, 18-19).

As páginas do profeta Isaías poderão ser meditadas, de forma mais concreta, neste tempo de oração, jejum e caridade. «O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão. Então, a tua luz surgirá como a aurora, e as tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se. A tua justiça irá à tua frente, e a glória do Senhor atrás de ti. Então invocarás o Senhor e Ele te atenderá, pedirás auxílio e te dirá: “Aqui estou!” Se retirares da tua vida toda a opressão, o gesto ameaçador e o falar ofensivo, se repartires o teu pão com o faminto e matares a fome ao pobre, a tua luz brilhará na escuridão, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia. O Senhor te guiará constantemente, saciará a tua alma no árido deserto, dará vigor aos teus ossos. Serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis» (58, 6-11).

A iniciativa «24 horas para o Senhor», que será celebrada na sexta-feira e no sábado anteriores ao IV Domingo da Quaresma, deve ser incrementada nas dioceses. Há muitas pessoas – e, em grande número, jovens – que estão a aproximar-se do sacramento da Reconciliação e que frequentemente, nesta experiência, reencontram o caminho para voltar ao Senhor, viver um momento de intensa oração e redescobrir o sentido da sua vida. Com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente

a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior.

Não me cansarei jamais de insistir com os confessores para que sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai. Ser confessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por nos fazer penitentes em busca do perdão. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva. Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus. Cada confessor deverá acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de lhe ter dissipado os bens. Os confessores são chamados a estreitar a si aquele filho arrependido que volta a casa e a exprimir a alegria por o ter reencontrado. Não nos cansemos de ir também ao encontro do outro filho, que ficou fora incapaz de se alegrar, para lhe explicar que o seu juízo severo é injusto e sem sentido diante da misericórdia do Pai que não tem limites. Não hão-de fazer perguntas impertinentes, mas como o pai da parábola interromperão o discurso preparado pelo filho pródigo, porque saberão individuar, no coração de cada penitente, a invocação de ajuda e o pedido de perdão. Em suma, os confessores são chamados a ser sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia.

18. Na Quaresma deste Ano Santo, é minha intenção enviar os Missionários da Misericórdia. Serão um sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus, para que entre em profundidade na riqueza deste mistério tão fundamental para a fé. Serão sacerdotes a quem darei autoridade de perdoar mesmo os pecados reservados à Sé Apostólica, para que se torne evidente a amplitude do seu mandato. Serão sobretudo sinal vivo de como o Pai acolhe a todos

aqueles que andam à procura do seu perdão. Serão missionários da misericórdia, porque se farão, junto de todos, artífices dum encontro cheio de humanidade, fonte de libertação, rico de responsabilidade para superar os obstáculos e retomar a vida nova do Baptismo. Na sua missão, deixar-se-ão guiar pelas palavras do Apóstolo: «Deus encerrou a todos na desobediência, para com todos usar de misericórdia» (Rm 11, 32). Na verdade todos, sem excluir ninguém, estão chamados a acolher o apelo à misericórdia. Os missionários vivam esta chamada, sabendo que podem fixar o olhar em Jesus, «Sumo Sacerdote misericordioso e fiel» (Hb 2, 17).

Peço aos irmãos bispos que convidem e acolham estes Missionários, para que sejam, antes de tudo, pregadores convincentes da misericórdia. Organizem-se, nas dioceses, «missões populares», de modo que estes Missionários sejam anunciadores da alegria do perdão. Seja-lhes pedido que celebrem o sacramento da Reconciliação para o povo, para que o tempo de graça, concedido neste Ano Jubilar, permita a tantos filhos afastados encontrar de novo o caminho para a casa paterna. Os pastores, especialmente durante o tempo forte da Quaresma, sejam solícitos em convidar os fiéis a aproximar-se «do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça» (Hb 4, 16).

19. Que a palavra do perdão possa chegar a todos e a chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente. O meu convite à conversão dirige-se, com insistência ainda maior, àquelas pessoas que estão longe da graça de Deus pela sua conduta de vida. Penso de modo particular nos homens e mulheres que pertencem a um grupo criminoso, seja ele qual for. Para vosso bem, peço-vos que mudeis de vida. Peço-vos-lo em nome do Filho de Deus que, embora combatendo o pecado, nunca rejeitou qualquer pecador. Não caiais na terrível cilada de pensar que a vida depende do dinheiro e que, à vista dele, tudo o mais se torna desprovido de valor e dignidade. Não passa de uma ilusão. Não

levamos o dinheiro connosco para o além. O dinheiro não nos dá a verdadeira felicidade. A violência usada para acumular dinheiro que transuda sangue não nos torna poderosos nem imortais. Para todos, mais cedo ou mais tarde, vem o juízo de Deus, do qual ninguém pode escapar.

O mesmo convite chegue também às pessoas fautoras ou cúmplices de corrupção. Esta praga putrefacta da sociedade é um pecado grave que brada aos céus, porque mina as próprias bases da vida pessoal e social. A corrupção impede de olhar para o futuro com esperança, porque, com a sua prepotência e avidez, destrói os projectos dos fracos e esmaga os mais pobres. É um mal que se esconde nos gestos diários para se estender depois aos escândalos públicos. A corrupção é uma contumácia no pecado, que pretende substituir Deus com a ilusão do dinheiro como forma de poder. É uma obra das trevas, alimentada pela suspeita e a intriga. *Corruptio optimi pessima*: dizia, com razão, São Gregório Magno, querendo indicar que ninguém pode sentir-se imune desta tentação. Para a erradicar da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente, mais cedo ou mais tarde torna-nos cúmplices e destrói-nos a vida.

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crimes graves, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afectos, da própria vida. Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir, e eu também estou, tal como os meus irmãos bispos e sacerdotes. Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia.

20. Neste contexto, não será inútil recordar a relação entre justiça e misericórdia. Não são dois aspectos em contraste entre si, mas duas dimensões duma única realidade que se desenvolve gradualmente até atingir o seu clímax na plenitude do amor. A justiça é um conceito fundamental para a sociedade civil, normalmente quando se faz referimento a uma ordem jurídica através da qual se aplica a lei. Por justiça entende-se também que a cada um deve ser dado o que lhe é devido. Na Bíblia, alude-se muitas vezes à justiça divina, e a Deus como juiz. Habitualmente é entendida como a observância integral da Lei e o comportamento de todo o bom judeu conforme aos mandamentos dados por Deus. Esta visão, porém, levou não poucas vezes a cair no legalismo, mistificando o sentido original e obscurecendo o valor profundo que a justiça possui. Para superar a perspectiva legalista, seria preciso lembrar que, na Sagrada Escritura, a justiça é concebida essencialmente como um abandonar-se confiante à vontade de Deus.

Por sua vez, Jesus fala mais vezes da importância da fé que da observância da lei. É neste sentido que devemos compreender as suas palavras, quando, encontrando-Se à mesa com Mateus e outros publicanos e pecadores, disse aos fariseus que O acusavam por isso mesmo: «Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9, 13). Diante da visão duma justiça como mera observância da lei, que julga dividindo as pessoas em justos e pecadores, Jesus procura mostrar o grande dom da misericórdia que busca os pecadores para lhes oferecer o perdão e a salvação. Compreende-se que Jesus, por causa desta sua visão tão libertadora e fonte de renovação, tenha sido rejeitado pelos fariseus e os doutores da lei. Estes, para ser fiéis à lei, limitavam-se a colocar pesos sobre os ombros das pessoas, anulando porém a misericórdia do Pai. O apelo à observância da lei não pode obstaculizar a atenção às necessidades que afectam a dignidade das pessoas.

A propósito, é muito significativo o apelo que Jesus faz ao texto do profeta Oseias: «Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios» (6, 6). Jesus afirma que, a partir de agora, a regra de vida dos seus discípulos deverá ser aquela que prevê o primado da misericórdia, como Ele mesmo dá testemunho partilhando a refeição com os pecadores. A misericórdia revela-se, mais uma vez, como dimensão fundamental da missão de Jesus. É um verdadeiro desafio posto aos seus interlocutores, que se contentavam com o respeito formal da lei. Jesus, pelo contrário, vai além da lei, a sua partilha da mesa com aqueles que a lei considerava pecadores permite compreender até onde chega a sua misericórdia.

Também o apóstolo Paulo fez um percurso semelhante. Antes de encontrar Cristo no caminho de Damasco, a sua vida era dedicada a servir de maneira irrepreensível a justiça da lei (cf. Fl 3, 6). A conversão a Cristo levou-o a inverter a sua visão, a ponto de afirmar na Carta aos Gálatas: «Também nós acreditámos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei» (2, 16). A sua compreensão da justiça muda radicalmente: Paulo agora põe no primeiro lugar a fé, e já não a lei. Não é a observância da lei que salva, mas a fé em Jesus Cristo, que, pela sua morte e ressurreição, traz a salvação com a misericórdia que justifica. A justiça de Deus torna-se agora a libertação para quantos estão oprimidos pela escravidão do pecado e todas as suas consequências. A justiça de Deus é o seu perdão (cf. Sl 51/50, 11-16).

21. A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar. A experiência do profeta Oseias ajuda-nos, mostrando-nos a superação da justiça na linha da misericórdia. A época em que viveu este profeta conta-se entre as mais dramáticas da história do povo judeu. O Reino está próximo da destruição; o povo não permaneceu fiel à aliança, afastou-se de Deus e perdeu a fé dos pais. Segundo uma

lógica humana, é justo que Deus pense em rejeitar o povo infiel: não observou o pacto estipulado e, conseqüentemente, merece a devida pena, ou seja, o exílio. Assim o atestam as palavras do profeta: «Não voltará para o Egito, mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se» (Os 11, 5). E todavia, depois desta reacção que faz apelo à justiça, o profeta muda radicalmente a sua linguagem e revela o verdadeiro rosto de Deus: «O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira» (11, 8-9). Santo Agostinho, de certo modo comentando as palavras do profeta, diz: «É mais fácil que Deus contenha a ira do que a misericórdia».[13] É mesmo assim! A ira de Deus dura um instante, ao passo que a sua misericórdia é eterna.

Se Deus Se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus; seria como todos os homens que clamam pelo respeito da lei. A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir. Por isso Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Antes pelo contrário! Quem erra, deve descontar a pena; só que isto não é o fim, mas o início da conversão, porque se experimenta a ternura do perdão. Deus não rejeita a justiça. Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base duma verdadeira justiça. Devemos prestar muita atenção àquilo que escreve Paulo, para não cair no mesmo erro que o apóstolo censurava nos judeus seus contemporâneos: «Por não terem reconhecido a justiça que vem de Deus e terem procurado estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus. É que o fim da Lei

[13] *Enarratio in Psalmos*, 76, 11.

é Cristo, para que, deste modo, a justiça seja concedida a todo o que tem fé» (Rm 10, 3-4). Esta justiça de Deus é a misericórdia concedida a todos como graça, em virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Portanto a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova.

22. O Jubileu inclui também o referimento à indulgência. Esta, no Ano Santo da Misericórdia, adquire uma relevância particular. O perdão de Deus para os nossos pecados não conhece limites. Na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus torna evidente este seu amor que chega ao ponto de destruir o pecado dos homens. É possível deixar-se reconciliar com Deus através do mistério pascal e da mediação da Igreja. Por isso, Deus está sempre disponível para o perdão, não se cansando de o oferecer de maneira sempre nova e inesperada. No entanto todos nós fazemos experiência do pecado. Sabemos que somos chamados à perfeição (cf. Mt 5, 48), mas sentimos fortemente o peso do pecado. Ao mesmo tempo que notamos o poder da graça que nos transforma, experimentamos também a força do pecado que nos condiciona. Apesar do perdão, carregamos na nossa vida as contradições que são consequência dos nossos pecados. No sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso. Ela torna-se indulgência do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor em vez de recair no pecado.

A Igreja vive a comunhão dos Santos. Na Eucaristia, esta comunhão, que é dom de Deus, realiza-se como união espiritual que nos une, a nós crentes, com os Santos e Beatos cujo número é incalculável (Ap 7, 4). A sua santidade vem em ajuda da nossa

fragilidade, e assim a Mãe-Igreja, com a sua oração e a sua vida, é capaz de acudir à fraqueza de uns com a santidade de outros. Portanto viver a indulgência no Ano Santo significa aproximar-se da misericórdia do Pai, com a certeza de que o seu perdão cobre toda a vida do crente. A indulgência é experimentar a santidade da Igreja que participa em todos os benefícios da redenção de Cristo, para que o perdão se estenda até às últimas consequências aonde chega o amor de Deus. Vivamos intensamente o Jubileu, pedindo ao Pai o perdão dos pecados e a indulgência misericordiosa em toda a sua extensão.

23. A misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja. Ela relaciona-nos com o judaísmo e o islamismo, que a consideram um dos atributos mais marcantes de Deus. Israel foi o primeiro que recebeu esta revelação, permanecendo esta na história como o início duma riqueza incomensurável para oferecer à humanidade inteira. Como vimos, as páginas do Antigo Testamento estão permeadas de misericórdia, porque narram as obras que o Senhor realizou em favor do seu povo, nos momentos mais difíceis da sua história. O islamismo, por sua vez, coloca entre os nomes dados ao Criador o de Misericordioso e Clemente. Esta invocação aparece com frequência nos lábios dos fiéis muçulmanos, que se sentem acompanhados e sustentados pela misericórdia na sua fraqueza diária. Também eles acreditam que ninguém pode pôr limites à misericórdia divina, porque as suas portas estão sempre abertas.

Possa este Ano Jubilar, vivido na misericórdia, favorecer o encontro com estas religiões e com as outras nobres tradições religiosas; que ele nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos; elimine todas as formas de fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação.

24. O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus. Ninguém, como Maria, conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor.

Escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, Maria foi preparada desde sempre, pelo amor do Pai, para ser Arca da Aliança entre Deus e os homens. Guardou, no seu coração, a misericórdia divina em perfeita sintonia com o seu Filho Jesus. O seu cântico de louvor, no limiar da casa de Isabel, foi dedicado à misericórdia que se estende «de geração em geração» (Lc 1, 50). Também nós estávamos presentes naquelas palavras proféticas da Virgem Maria. Isto servir-nos-á de conforto e apoio no momento de atravessarmos a Porta Santa para experimentar os frutos da misericórdia divina.

Ao pé da cruz, Maria, juntamente com João, o discípulo do amor, é testemunha das palavras de perdão que saem dos lábios de Jesus. O perdão supremo oferecido a quem O crucificou, mostra-nos até onde pode chegar a misericórdia de Deus. Maria atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém. Dirijamos-Lhe a oração, antiga e sempre nova, da Salve Rainha, pedindo-Lhe que nunca se canse de volver para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, seu Filho Jesus.

E a nossa oração estenda-se também a tantos Santos e Beatos que fizeram da misericórdia a sua missão vital. Em particular, o pensamento volta-se para a grande apóstola da Misericórdia, Santa Faustina Kowalska. Ela, que foi chamada a entrar nas profundezas da misericórdia divina, interceda por nós e nos obtenha a graça

de viver e caminhar sempre no perdão de Deus e na confiança inabalável do seu amor.

25. Será, portanto, um Ano Santo extraordinário para viver, na existência de cada dia, a misericórdia que o Pai, desde sempre, estende sobre nós. Neste Jubileu, deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca Se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar connosco a sua vida. A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. A sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio. Sabe que a sua missão primeira, sobretudo numa época como a nossa cheia de grandes esperanças e fortes contradições, é a de introduzir a todos no grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo. A Igreja é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da Revelação de Jesus Cristo. Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia. Esta fonte nunca poderá esgotar-se, por maior que seja o número daqueles que dela se abeirem. Sempre que alguém tiver necessidade poderá aceder a ela, porque a misericórdia de Deus não tem fim. Quanto insondável é a profundidade do mistério que encerra, tanto é inesgotável a riqueza que dela provém.

Neste Ano Jubilar, que a Igreja se faça eco da Palavra de Deus que ressoa, forte e convincente, como uma palavra e um gesto de perdão, apoio, ajuda, amor. Que ela nunca se canse de oferecer misericórdia e seja sempre paciente a confortar e perdoar. Que a Igreja se faça voz de cada homem e mulher e repita com confiança e sem cessar: «Lembra-te, Senhor, da tua misericórdia e do teu amor, pois eles existem desde sempre» (Sl 25/24, 6).

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 11 de Abril – véspera do II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia – do Ano do Senhor de 2015, o terceiro de pontificado.

Francisco

O cansaço dos sacerdotes

Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de 02 de abril.

«A minha mão estará sempre com ele / e o meu braço há de torná-lo forte» (Sl 89/88, 22). Assim pensa o Senhor, quando diz para consigo: «Encontrei David, meu servo, / e ungi-o com óleo santo» (v. 21). Assim pensa o nosso Pai cada vez que «encontra» um padre. E acrescenta: «A minha fidelidade e o meu amor estarão com ele / (...) Ele me invocará, dizendo: “Tu és meu pai, / és o meu Deus e o rochedo da minha salvação”» (vv. 25.27).

Faz-nos muito bem entrar, com o Salmista, neste solilóquio do nosso Deus. Ele fala de nós, os seus sacerdotes, os seus padres; na realidade, porém, não é um solilóquio, não fala sozinho. É o Pai que diz a Jesus: «Os teus amigos, aqueles que Te amam, poderão dizer-Me de uma maneira especial: “Tu és o meu Pai”» (cf. Jo 14, 21). E, se o Senhor pensa e Se preocupa tanto com o modo como poderá ajudar-nos, é porque sabe que a tarefa de ungir o povo fiel não é fácil, é dura; causa fadiga e leva-nos ao cansaço. E nós experimentamo-lo em todas as suas formas: desde o cansaço habitual do trabalho apostólico diário até ao da doença e da morte, incluindo o consumir-se no martírio.

O cansaço dos sacerdotes!

Sabeis quantas vezes penso nisto, no cansaço de todos vós? Penso muito e rezo com frequência, especialmente quando sou eu que estou cansado. Rezo por vós que trabalhais no meio do povo fiel de Deus, que vos foi confiado; e muitos fazem-no em lugares demasiado isolados e perigosos. E o nosso cansaço, queridos sacerdotes, é como o incenso que sobe silenciosamente ao Céu (cf. Sl 141/140, 2; Ap 8, 3-4). O nosso cansaço eleva-se diretamente ao coração do Pai.

Estai certos de que também Nossa Senhora Se dá conta deste cansaço e, imediatamente, fã-lo notar ao Senhor. Como Mãe, sabe compreender quando os seus filhos estão cansados, e só disso se preocupa. «Bem-vindo! Descansa, filho. Depois falamos... Não estou aqui eu, que sou tua Mãe?»: dir-nos-á ao abeirarmo-nos d'Ela (cf. *Evangelii gaudium*, 286). E dirá, ao seu Filho, como em Caná: «Não têm vinho!» (Jo 2, 3).

Pode acontecer também que, ao sentir o peso do trabalho pastoral, nos venha a tentação de descansarmos de um modo qualquer, como se o repouso não fosse uma coisa de Deus. Não caíamos nesta tentação! A nossa fadiga é preciosa aos olhos de Jesus, que nos acolhe e faz levantar o ânimo: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (Mt 11, 28). Se uma pessoa sabe que, morta de cansaço, pode prostrar-se em adoração e dizer: «Senhor, por hoje basta!», rendendo-se ao Pai, sabe também que, ao fazê-lo, não cai mas renova-se, pois o Senhor que ungiu com o óleo da alegria o povo fiel de Deus, também a unge a ela: «Muda a sua cinza em coroa, o seu semblante triste em perfume de festa e o seu abatimento em cantos de festa» (cf. Is 61, 3).

Tenhamos bem em mente que uma chave da fecundidade sacerdotal reside na forma como repousamos e como sentimos

que o Senhor cuida do nosso cansaço. Como é difícil aprender a repousar! Nisto transparece a nossa confiança e a consciência de que também nós somos ovelhas e temos necessidade do pastor que nos ajude. A propósito, podem ajudar-nos algumas perguntas.

Sei repousar recebendo o amor, a gratidão e todo o carinho que me dá o povo fiel de Deus? Ou, depois do trabalho pastoral, procuro repousos mais refinados: não os repousos dos pobres, mas os que oferece a sociedade de consumo? O Espírito Santo é verdadeiramente, para mim, «repouso na fadiga», ou apenas Aquele que me faz trabalhar? Sei pedir ajuda a qualquer sacerdote experiente? Sei repousar de mim mesmo, da minha auto-exigência, da minha auto-complacência, da minha auto-referencialidade? Sei conversar com Jesus, com o Pai, com a Virgem Maria e São José, com os meus Santos padroeiros e amigos, para repousar nas suas exigências – que são suaves e leves – nas suas complacências – eles gostam de estar na minha companhia – e nos seus interesses e referências – só lhes interessa a maior glória de Deus? Sei repousar dos meus inimigos, sob a proteção do Senhor? Vou argumentando, tecendo e ruminando repetidamente cá para comigo a minha defesa, ou confio-me ao Espírito Santo que me ensina o que devo dizer em cada ocasião? Preocupo-me e afano-me excessivamente ou encontro repouso, dizendo como Paulo: «Sei em quem acreditei» (2 Tm 1, 12).

Compromissos dos sacerdotes

Repasemos brevemente os compromissos dos sacerdotes, que proclama a liturgia de hoje: levar a Boa-Nova aos pobres, anunciar a libertação aos cativos e a cura aos cegos, dar a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor. Isaías diz também cuidar daqueles que têm o coração despedaçado e consolar os aflitos.

Não são tarefas fáceis, não são tarefas externas, como, por exemplo, as atividades manuais: construir um novo salão paroquial, ou traçar as linhas dum campo de futebol para os jovens do oratório, etc. Os compromissos mencionados por Jesus envolvem a nossa capacidade de compaixão: são compromissos nos quais o nosso coração estremece e se comove. Alegramo-nos com os noivos que vão casar; rimos com a criança que trazem para batizar; acompanhamos os jovens que se preparam para o matrimónio e para ser família; entristecemos-nos com quem recebe a extrema-unção no leito do hospital; choramos com os que enterram uma pessoa querida... Tantas emoções! Se tivermos o coração aberto, estas emoções e tanto carinho cansam o coração do pastor. Para nós, sacerdotes, as histórias do nosso povo não são um noticiário: conhecemos a nossa gente, podemos adivinhar o que se passa no seu coração; e o nosso, sofrendo com eles, vai-se desgastando, divide-se em mil pedaços, compadece-se e parece até ser comido pelas pessoas: tomai, comei. Esta é a palavra que o sacerdote de Jesus sussurra sem cessar, quando está a cuidar do seu povo fiel: tomai e comei, tomai e bebei... E, assim, a nossa vida sacerdotal se vai doando no serviço, na proximidade ao povo fiel de Deus, etc., o que sempre, sempre cansa.

Gostaria agora de partilhar convosco alguns cansaços, em que meditei.

Cansaço do povo

Temos aquele que podemos chamar «o cansaço do povo, o cansaço das multidões»: para o Senhor, como o é para nós, era desgastante – di-lo o Evangelho – mas é um cansaço bom, um cansaço cheio de frutos e de alegria. O povo que O seguia, as famílias que Lhe traziam os seus filhos para que os abençoasse,

aqueles que foram curados e voltavam com os seus amigos, os jovens que se entusiasmavam com o Mestre... Não Lhe deixavam sequer tempo para comer. Mas o Senhor não Se aborrecia de estar com a gente. Antes pelo contrário, parecia que ganhava nova energia (cf. *Evangelii gaudium*, 11). Este cansaço habitual no meio da nossa atividade é uma graça que está ao alcance de todos nós, sacerdotes (cf. *ibid.*, 279). Como é belo tudo isto: o povo amar, desejar e precisar dos seus pastores! O povo fiel não nos deixa sem atividade direta, a não ser que alguém se esconda num escritório ou passe pela cidade com vidros escuros. E este cansaço é bom, é um cansaço saudável. É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas, mas com o sorriso de um pai que contempla os seus filhos ou os seus netinhos. Isto não tem nada a ver com aqueles que conhecem perfumes caros e te olham de cima e de longe (cf. *ibid.*, 97). Somos os amigos do noivo: esta é a nossa alegria. Se Jesus está apascentando o rebanho no meio de nós, não podemos ser pastores com a cara azeda ou melancólica, nem – o que é pior – pastores enjoados. Cheiro de ovelhas e sorriso de pais... Muito cansados, sim; mas com a alegria de quem ouve o seu Senhor que diz: «Vinde, benditos de meu Pai!» (Mt 25, 34).

Cansaço dos inimigos

Existe depois aquele que podemos chamar «o cansaço dos inimigos». O diabo e os seus sectários não dormem e, uma vez que os seus ouvidos não suportam a Palavra de Deus, trabalham incansavelmente para a silenciar ou distorcer. Aqui o cansaço de enfrentá-los é mais árduo. Não se trata apenas de fazer o bem, com toda a fadiga que isso implica, mas é preciso também defender o rebanho e defender-se a si mesmo do mal (cf. *Evangelii gaudium*, 83). O maligno é mais astuto do que nós e é capaz de destruir num instante aquilo que construímos pacientemente durante muito

tempo. Aqui é preciso pedir a graça de aprender a neutralizar (é um hábito importante: aprender a neutralizar): neutralizar o mal, não arrancar a cizânia, não pretender defender como super-homens aquilo que só o Senhor deve defender. Tudo isto nos ajuda a não deixarmos cair os braços à vista da espessura da iniquidade, frente à zombaria dos malvados. Eis a palavra do Senhor para estas situações de cansaço: «Tende confiança! Eu já venci o mundo» (Jo 16, 33). E esta palavra dar-nos-á força.

Cansaço de nós próprios

E, por último (último, para que esta homilia não vos canse demasiado!), há também «o cansaço de nós próprios» (cf. *Evangelii gaudium*, 277). É talvez o mais perigoso. Porque os outros dois derivam do facto de estarmos expostos, de sairmos de nós mesmos para ungir e servir (somos aqueles que cuidam). Diversamente, este cansaço é mais auto-referencial: é a desilusão com nós mesmos, mas sem a encararmos de frente, com a alegria serena de quem se descobre pecador e carecido de perdão, de ajuda; é que, neste caso, a pessoa pede ajuda e segue em frente. Trata-se do cansaço que resulta de «querer e não querer», de ter apostado tudo e depois pôr-se a chorar pelos alhos e as cebolas do Egito, de jogar com a ilusão de sermos outra coisa qualquer. Gosto de lhe chamar o cansaço de «fazer a corte ao mundanismo espiritual». E, quando uma pessoa fica sozinha, dá-se conta de quantos setores da vida foram impregnados por este mundanismo e temos até a impressão de que não há banho que o possa lavar. Aqui pode haver um cansaço mau. A palavra do Apocalipse indica-nos a causa deste cansaço: «Tens constância, sofreste por causa de Mim, sem te cansares. No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primeiro amor» (2, 3-4). Só o amor dá repouso. Aquilo que não se ama, cansa de forma má; e, com o passar do tempo, cansa de forma pior.

Aprender a estar cansado

A imagem mais profunda e misteriosa do modo como o Senhor cuida do nosso cansaço pastoral – «Ele que amara os seus (...), levou o seu amor por eles até ao extremo» (Jo 13,1) – é a cena do lava-pés. Gosto de a contemplar como o lava-seguimento. O Senhor purifica o próprio seguimento, Ele «envolve-Se» connosco (Evangeli gaudium, 24), tem pessoalmente o cuidado de lavar todas as manchas, aquela sujeira mundana e gordurosa que se apegou a nós no caminho que percorremos em seu Nome.

Sabemos que, nos pés, se pode ver como está todo o nosso corpo. No modo de seguir o Senhor, manifesta-se como está o nosso coração. As chagas dos pés, os entorses e o cansaço são sinal de como O seguimos, das estradas que percorremos à procura das ovelhas perdidas, tentando conduzir o rebanho aos prados verdejantes e às águas tranquilas (cf. *ibid.*, 270). O Senhor lava-nos e purifica-nos de tudo aquilo que se acumulou nos nossos pés ao segui-Lo. E isto é sagrado. Não permitais que fique manchado. Como Ele beija as feridas de guerra, assim lava a sujeira do trabalho.

O seguimento de Jesus é lavado pelo próprio Senhor para que nos sintamos no direito de ser e viver «alegres», «satisfeitos», «sem medo nem culpa» e, assim, tenhamos a coragem de sair e ir, «a todas as periferias até aos confins do mundo», levar esta Boa-Nova aos mais abandonados, sabendo que «Ele estará sempre connosco até ao fim dos tempos». E, por favor, peçamos a graça de aprender a estar cansados, mas com um cansaço bom!

Papa lava pés a presos

O Papa Francisco celebrou em 02 de abril a Missa da Ceia do Senhor no cárcere romano de Rebibbia, onde lavou e beijou os pés de 12 presidiários, seis homens e seis mulheres, incluindo estrangeiros e italianos.

Foi forte a emoção que marcou a Missa da Ceia do Senhor, início do Tríduo pascal, que o Papa Francisco celebrou no cárcere romano de Rebibbia, onde lavou e beijou os pés de 12 presidiários, seis homens e seis mulheres, incluindo estrangeiros e italianos.

O Papa Francisco ajoelhou-se diante deles, depois do discurso improvisado aos trezentos que se encontravam na igreja “Pai Nosso” do novo complexo, e depois de ter sido saudado longamente por centenas de pessoas que o esperavam no pátio.

O Papa chegou à Penitenciária pouco depois das 17h00 e deteve-se por alguns momentos na parte interna do complexo, antes de entrar para celebrar a Santa Missa. No pátio aguardavam-no mais de 300 presidiários, o pessoal da polícia penitenciária, pessoal administrativo, os voluntários e capelães. O Santo Padre cumprimentou quase um por um os presidiários, abraçando-os e beijando-os.

“Agradeço a todos vós pelo acolhimento tão caloroso e sincero, muito obrigado!”, disse o Papa antes de entrar na Igreja do Pai-Nosso dentro do complexo penitenciário.

Na igreja, o Papa encontrou outros 300 presidiários: 150 mulheres, incluindo 15 mães com as crianças, e 150 homens. Durante a celebração lavou os pés de doze deles: seis mulheres e seis homens,

dos quais um brasileiro. Um dos momentos mais emocionantes foi quando o Papa lavou inclusive os pés de uma criança que estava no colo da mãe detida.

Na homilia, que não escreveu, o Papa Francisco disse:

«Nesta quinta-feira, Jesus estava à mesa com os discípulos, celebrando a festa da Páscoa. A passagem do Evangelho que escutamos contém uma frase que é justamente o centro daquilo que Jesus fez por todos nós: «Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim» (Jo 13,1). Jesus amou-nos. Jesus ama-nos. Sem limites, sempre, até ao final.

O amor de Jesus por nós não tem limites: sempre mais, sempre mais. Nunca se cansa de amar ninguém. Ama todos nós, ao ponto de dar a sua vida por nós.

Sim, dar a vida por nós; sim dar a vida por todos nós, dar a vida por cada um de nós. E cada um de nós pode dizer: “Ele deu a vida por mim”. Cada um. Deu a vida por ti, por ti, por ti, por mim, por ele... por cada um, com nome e sobrenome.

O seu amor é assim: pessoal. O amor de Jesus nunca dececiona, porque Ele nunca se cansa de amar, como não se cansa de perdoar, não se cansa de nos abraçar. Esta é a primeira coisa que vos queria dizer: Jesus amou-nos, cada um de nós, até ao final.

Em seguida, faz isto que os discípulos não entendiam: lavar os pés. Naquele tempo, isso era um costume, era um hábito, pois quando uma pessoa chegava a uma casa, estava com os pés imundos com o pó da estrada; não existiam os paralelepípedos naquele tempo... Havia o pó da estrada. E na entrada da casa, os seus pés eram lavados. Mas isso não era o dono da casa que fazia, eram os escravos que o faziam. Era um trabalho de escravos.

E Jesus, como escravo, lava os nossos pés, os pés dos discípulos, e por isso diz: «Agora, não entendes – se dirigia a Pedro – o que estou a fazer; mais tarde compreenderás» (Jo 13,7).

Jesus: tão grande é o seu amor que se fez escravo para nos servir, para nos curar, para nos limpar.

Hoje, nesta Missa, a Igreja pede que o sacerdote lave os pés de doze pessoas, em memória dos Doze Apóstolos. Mas devemos ter a certeza no nosso coração, devemos estar certos que o Senhor, quando nos lava os pés, nos lava por inteiro, nos purifica, nos faz sentir mais uma vez o seu amor.

Na Bíblia, há uma frase, no livro do profeta Isaías, muito bela, que diz: «Pode uma mãe esquecer-se do seu filho? Mas, ainda que uma mãe se esquecesse do seu filho, eu nunca me esquecerei de ti» (cf. 49,15). Assim é o amor de Deus por nós.

Hoje lavarei os pés de doze de vós, mas nestes irmãos e irmãs todos estais presentes, todos, todos. Todos aqueles que moram aqui. Vós os representais.

Mas eu também tenho necessidade de ser lavado pelo Senhor, e por isso rezai durante esta missa para que o Senhor também lave as minhas sujeiras, para que eu me torne mais escravo de vós, mais escravo no serviço das pessoas, como o foi Jesus».

Mensagem urbi et orbi

Na Mensagem Urbi et Orbi (à cidade de Roma e ao mundo), proferida em dia de Páscoa, o Papa Francisco implorou «a graça de não cedermos ao orgulho que alimenta a violência e as guerras, mas termos a coragem humilde do perdão e da paz».

Queridos irmãos e irmãs,
Feliz Páscoa
Jesus Cristo ressuscitou!

O amor venceu o ódio, a vida venceu a morte, a luz afugentou as trevas!

Por nosso amor, Jesus Cristo despojou-Se da sua glória divina; esvaziou-Se a Si próprio, assumiu a forma de servo e humilhou-Se até à morte, e morte de cruz. Por isso, Deus O exaltou e fê-Lo Senhor do universo. Jesus é Senhor!

Com a sua morte e ressurreição, Jesus indica a todos o caminho da vida e da felicidade: este caminho é a humildade, que inclui a humilhação. Esta é a estrada que leva à glória. Somente quem se humilha pode caminhar para as «coisas do alto», para Deus (cf. Col 3, 1-4). O orgulhoso olha «de cima para baixo», o humilde olha «de baixo para cima».

Na manhã de Páscoa, informados pelas mulheres, Pedro e João correram até ao sepulcro e encontraram-no aberto e vazio. Então aproximaram-se e «inclinaram-se» para entrar no sepulcro. Para entrar no mistério, é preciso «inclinarmos-se», abaixar-se. Somente quem se abaixa compreende a glorificação de Jesus e pode segui-Lo na sua estrada.

A proposta do mundo é impor-se a todo o custo, competir, fazer-se valer... Mas os cristãos, pela graça de Cristo morto e ressuscitado, são os rebentos duma outra humanidade, em que se procura viver ao serviço uns dos outros, ser não arrogantes mas disponíveis e respeitadores.

Isto não é fraqueza, mas verdadeira força! Quem traz dentro de si a força de Deus, o seu amor e a sua justiça, não precisa de usar violência, mas fala e age com a força da verdade, da beleza e do amor.

Do Senhor ressuscitado imploramos hoje a graça de não cedermos ao orgulho que alimenta a violência e as guerras, mas termos a coragem humilde do perdão e da paz. A Jesus vitorioso pedimos que alivie os sofrimentos de tantos irmãos nossos perseguidos por causa do seu nome, bem como de todos aqueles que sofrem injustamente as consequências dos conflitos e das violências em curso, e que são tantas.

Pedimos paz, antes de tudo, para a amada Síria e o Iraque, para que cesse o fragor das armas e se restabeleça a boa convivência entre os diferentes grupos que compõem estes amados países. Que a comunidade internacional não permaneça inerte perante a imensa tragédia humanitária no interior destes países e o drama dos numerosos refugiados.

Imploramos paz para todos os habitantes da Terra Santa. Possa crescer entre israelitas e palestineses a cultura do encontro e se retome o processo de paz a fim de pôr termo a tantos anos de sofrimentos e divisões.

Suplicamos paz para a Líbia a fim de que cesse o absurdo derramamento de sangue em curso e toda a bárbara violência, e aqueles que têm a peito o destino do país se esforcem por favorecer

a reconciliação e construir uma sociedade fraterna que respeite a dignidade da pessoa. E almejamos que, também no Iémen, prevaleça uma vontade comum de pacificação a bem de toda a população.

Ao mesmo tempo, confiamos esperançosos ao Senhor, que é tão misericordioso, o acordo alcançado nestes dias em Lausanne, a fim de que seja um passo definitivo para um mundo mais seguro e fraterno.

Do Senhor Ressuscitado imploramos o dom da paz para a Nigéria, o Sudão do Sul e as várias regiões do Sudão e da República Democrática do Congo. De todas as pessoas de boa vontade se eleve incessante oração por aqueles que perderam a vida assassinados na quinta-feira passada numa Universidade de Garissa, no Quênia, por quantos foram raptados, por quem teve de abandonar a própria casa e os seus entes queridos.

A Ressurreição do Senhor leve luz à amada Ucrânia, sobretudo àqueles que sofreram as violências do conflito nos últimos meses. Possa o país reencontrar paz e esperança, graças ao empenho de todos as partes interessadas.

Paz e liberdade, pedimos para tantos homens e mulheres, sujeitos a formas novas e antigas de escravidão por parte de indivíduos e organizações criminosas. Paz e liberdade para as vítimas dos traficantes de droga, muitas vezes aliados com os poderes que deveriam defender a paz e a harmonia na família humana. E paz pedimos para este mundo sujeito aos traficantes de armas, que lucram com o sangue dos homens e das mulheres.

Aos marginalizados, aos encarcerados, aos pobres e aos migrantes que tantas vezes são rejeitados, maltratados e descartados; aos doentes e atribulados; às crianças, especialmente as vítimas de violência; a quantos estão hoje de luto; a todos os homens e mulheres de boa

vontade chegue a voz consoladora e curativa do Senhor Jesus: «A paz esteja convosco!» (Lc 24, 36). «Não temais! Ressuscitei e estou convosco para sempre!» (cf. Missal Romano, Antífona de Entrada no dia de Páscoa).

Teresa de Jesus, mestra de oração

*Carta do Papa Francisco ao Prepósito-Geral da
Ordem dos Carmelitas Descalços por ocasião dos
500 anos do nascimento de Santa Teresa de Jesus.*

Ao Venerado irmão Padre Saverio Cannistrà
Prepósito-Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços

Querido Irmão!

Na celebração dos quinhentos anos do nascimento de santa Teresa de Jesus, desejo unir-me, juntamente com toda a Igreja, à ação de graças da grande família Carmelita descalça — religiosas, religiosos e seculares — pelo carisma desta mulher excecional.

Considero uma graça providencial que este aniversário coincida com o Ano dedicado à Vida Consagrada, na qual a Santa de Ávila resplandece como guia segura e modelo atraente de doação total a Deus. Trata-se de um motivo a mais para ver o passado com gratidão, e para redescobrir «a centelha inspiradora» que deu impulso aos fundadores e às primeiras comunidades (cf. Carta aos consagrados, 21 de Novembro de 2014).

Quanto bem continuam a fazer a todos nós o testemunho da sua consagração, nascido diretamente do encontro com Cristo, da sua experiência de oração, como diálogo contínuo com Deus e da sua vida comunitária, enraizada na maternidade da Igreja!

Santa Teresa é sobretudo mestra de oração. Na sua experiência a descoberta da humanidade de Cristo foi central. Movida pelo desejo de partilhar essa experiência pessoal com os outros, descreveu-a de maneira vivaz e singela, ao alcance de todos, porque consistia simplesmente numa «relação de amizade... com quem sabemos que nos ama» (cf. Vida 8, 5). Muitas vezes a própria narração transforma-se em oração, como se quisesse introduzir o leitor no seu diálogo interior com Cristo. A oração de Teresa não era reservada unicamente a um espaço ou momento do dia; surgia espontânea nas ocasiões mais diversas: «Seria uma situação árdua se se pudesse orar só em lugares apartados» (cf. Fundações 5, 16). Estava convicta do valor da oração contínua, mesmo se nem sempre perfeita. A Santa exorta-nos a ser perseverantes e fiéis mesmo no meio da aridez, de dificuldades pessoais ou necessidades urgentes que nos chamam.

Para que se renove a vida consagrada hoje, Teresa deixou-nos um grande tesouro, cheio de propostas concretas, caminhos e métodos para rezar que, longe de nos fechar em nós mesmos ou de nos levar só a um equilíbrio interior, nos fazem recomeçar sempre a partir de Jesus e constituem uma autêntica escola para crescer no amor a Deus e ao próximo.

A partir do seu encontro com Jesus, santa Teresa viveu «outra vida». Transformou-se numa comunicadora incansável do Evangelho (cf. Vida 23, 1). Desejosa de servir a Igreja e diante dos graves problemas do seu tempo, não se limitou a ser uma expetadora da realidade que a circundava. Na sua condição de mulher e com as dificuldades de saúde, decidiu — disse ela — «fazer o pouco que

depende de mim... isto é, seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição possível e procurar que as poucas religiosas que estão aqui façam o mesmo» (cf. Caminho 1, 2). Assim teve início a reforma teresiana, na qual pedia às suas irmãs que não perdessem tempo negociando com Deus «interesses de pouca importância» enquanto «o mundo está em chamas» (ibid., 1, 5). Esta dimensão missionária e eclesial caracterizou desde sempre as Carmelitas e os Carmelitas descalços.

Como fez outrora, também hoje a Santa nos abre novos horizontes, nos convoca para um grande empreendimento e a ver o mundo com os olhos de Cristo, procurar o que Ele procura e amar o que Ele ama.

Santa Teresa sabia que a oração e a missão não podem ser sustentadas sem uma autêntica vida comunitária. Por conseguinte, o fundamento que pôs nos seus mosteiros foi a fraternidade: «Aqui todas devem amar-se, respeitar-se e ajudar-se reciprocamente» (ibid., 4, 7). Preocupou-se em advertir as suas religiosas acerca do perigo da auto-referencialidade na vida fraterna, que consiste «toda ou quase toda em renunciar a nós mesmos e às nossas comodidades» (ibid., 12, 2) e a pôr o que somos ao serviço dos outros. Para evitar tal risco, a Santa de Ávila aconselhou as suas irmãs, antes de tudo, a virtude da humildade, que não é descuido exterior nem timidez interior da alma, mas que cada um conheça as próprias possibilidades e o que Deus pode fazer em nós (cf. Relações, 28). O contrário é o que ela chamou «falso ponto de honra» (cf. Vida 31, 23), fonte de mexericos, ciúmes e críticas, que prejudicam seriamente a relação com os outros. A humildade teresiana é feita de aceitação de si mesmo, de consciência da própria dignidade, de audácia missionária, de reconhecimento e de abnegação em Deus.

Com estas nobres raízes, as comunidades teresianas são chamadas a tornar-se casas de comunhão, capazes de testemunhar o

amor fraterno e a maternidade da Igreja, apresentando ao Senhor as necessidades do mundo, dilacerado por divisões e guerras.

Querido Irmão, não quero terminar sem agradecer às comunidades carmelitas teresianas que confiam o Papa com especial ternura à proteção da Virgem do Carmelo, e acompanham com a sua oração as grandes provações e desafios da Igreja. Peço ao Senhor que o vosso testemunho de vida, como o de santa Teresa, deixe transparecer a alegria e a beleza de viver do Evangelho e atraia muitos jovens para seguir Cristo de perto.

A toda a família teresiana concedo de coração a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 28 de Março de 2015.

Francisco

O êxodo, experiência fundamental da vocação

*«O êxodo, experiência fundamental da vocação»
foi o tema da mensagem do Papa Francisco para
o 52.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações,
celebrado em 26 de abril.*

Amados irmãos e irmãs!

O IV Domingo de Páscoa apresenta-nos o ícone do Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas, chama-as, alimenta-as e condu-las. Há mais de 50 anos que, neste domingo, vivemos o Dia Mundial de

Oração pelas Vocações. Este dia sempre nos lembra a importância de rezar para que o «dono da messe – como disse Jesus aos seus discípulos – mande trabalhadores para a sua messe» (*Lc* 10, 2). Jesus dá esta ordem no contexto dum envio missionário: além dos doze apóstolos, Ele chamou mais setenta e dois discípulos, enviando-os em missão dois a dois (cf. *Lc* 10,1-16). Com efeito, se a Igreja «é, por sua natureza, missionária» (Conc. Ecum. Vat. II., Decr. *Ad gentes*, 2), a vocação cristã só pode nascer dentro duma experiência de missão. Assim, ouvir e seguir a voz de Cristo Bom Pastor, deixando-se atrair e conduzir por Ele e consagrando-Lhe a própria vida, significa permitir que o Espírito Santo nos introduza neste dinamismo missionário, suscitando em nós o desejo e a coragem jubilosa de oferecer a nossa vida e gastá-la pela causa do Reino de Deus.

A oferta da própria vida nesta atitude missionária só é possível se formos capazes de sair de nós mesmos. Por isso, neste 52º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, gostaria de reflectir precisamente sobre um «êxodo» muito particular que é a vocação ou, melhor, a nossa resposta à vocação que Deus nos dá. Quando ouvimos a palavra «êxodo», ao nosso pensamento acodem imediatamente os inícios da maravilhosa história de amor entre Deus e o povo dos seus filhos, uma história que passa através dos dias dramáticos da escravidão no Egipto, a vocação de Moisés, a libertação e o caminho para a Terra Prometida. O segundo livro da Bíblia – o Êxodo – que narra esta história constitui uma parábola de toda a história da salvação e também da dinâmica fundamental da fé cristã. Na verdade, passar da escravidão do homem velho à vida nova em Cristo é a obra redentora que se realiza em nós por meio da fê (*Ef* 4, 22-24). Esta passagem é um real e verdadeiro «êxodo», é o caminho da alma cristã e da Igreja inteira, a orientação decisiva da existência para o Pai.

Na raiz de cada vocação cristã, há este movimento fundamental da experiência de fê: crer significa deixar-se a si mesmo, sair da comodidade e rigidez do próprio eu para centrar a nossa vida

em Jesus Cristo; abandonar como Abraão a própria terra pondo-se confiadamente a caminho, sabendo que Deus indicará a estrada para a nova terra. Esta «saída» não deve ser entendida como um desprezo da própria vida, do próprio sentir, da própria humanidade; pelo contrário, quem se põe a caminho no seguimento de Cristo encontra a vida em abundância, colocando tudo de si à disposição de Deus e do seu Reino. Como diz Jesus, «todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna» (Mt 19, 29). Tudo isto tem a sua raiz mais profunda no amor. De facto, a vocação cristã é, antes de mais nada, uma chamada de amor que atrai e reenvia para além de si mesmo, descentraliza a pessoa, provoca um «êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus» (Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est*, 6).

A experiência do êxodo é paradigma da vida cristã, particularmente de quem abraça uma vocação de especial dedicação ao serviço do Evangelho. Consiste numa atitude sempre renovada de conversão e transformação, em permanecer sempre em caminho, em passar da morte à vida, como celebramos em toda a liturgia: é o dinamismo pascal. Fundamentalmente, desde a chamada de Abraão até à de Moisés, desde o caminho de Israel peregrino no deserto até à conversão pregada pelos profetas, até à viagem missionária de Jesus que culmina na sua morte e ressurreição, a vocação é sempre aquela acção de Deus que nos faz sair da nossa situação inicial, nos liberta de todas as formas de escravidão, nos arranca da rotina e da indiferença e nos projecta para a alegria da comunhão com Deus e com os irmãos. Por isso, responder à chamada de Deus é deixar que Ele nos faça sair da nossa falsa estabilidade para nos pormos a caminho rumo a Jesus Cristo, meta primeira e última da nossa vida e da nossa felicidade.

Esta dinâmica do êxodo diz respeito não só à pessoa chamada, mas também à actividade missionária e evangelizadora da Igreja

inteira. Esta é verdadeiramente fiel ao seu Mestre na medida em que é uma Igreja «em saída», não preocupada consigo mesma, com as suas próprias estruturas e conquistas, mas sim capaz de ir, de se mover, de encontrar os filhos de Deus na sua situação real e compadecer-se das suas feridas. Deus sai de Si mesmo numa dinâmica trinitária de amor, dá-*Se* conta da miséria do seu povo e intervém para o libertar (*Ex* 3, 7). A este modo de ser e de agir, é chamada também a Igreja: a Igreja que evangeliza sai ao encontro do homem, anuncia a palavra libertadora do Evangelho, cuida as feridas das almas e dos corpos com a graça de Deus, levanta os pobres e os necessitados.

Amados irmãos e irmãs, este êxodo libertador rumo a Cristo e aos irmãos constitui também o caminho para a plena compreensão do homem e para o crescimento humano e social na história. Ouvir e receber a chamada do Senhor não é uma questão privada e intimista que se possa confundir com a emoção do momento; é um compromisso concreto, real e total que abraça a nossa existência e a põe ao serviço da construção do Reino de Deus na terra. Por isso, a vocação cristã, radicada na contemplação do coração do Pai, impele simultaneamente para o compromisso solidário a favor da libertação dos irmãos, sobretudo dos mais pobres. O discípulo de Jesus tem o coração aberto ao seu horizonte sem fim, e a sua intimidade com o Senhor nunca é uma fuga da vida e do mundo, mas, pelo contrário, «reveste essencialmente a forma de comunhão missionária» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 23).

Esta dinâmica de êxodo rumo a Deus e ao homem enche a vida de alegria e significado. Gostaria de o dizer sobretudo aos mais jovens que, inclusive pela sua idade e a visão do futuro que se abre diante dos seus olhos, sabem ser disponíveis e generosos. Às vezes, as incógnitas e preocupações pelo futuro e a incerteza que afecta o dia-a-dia encerram o risco de paralisar estes seus impulsos, refrear os seus sonhos, a ponto de pensar que não vale a pena comprometer-se e que o Deus da fé cristã limita a sua liberdade. Ao invés, queridos jovens, não haja em vós o medo de sair de vós

mesmos e de vos pôr a caminho! O Evangelho é a Palavra que liberta, transforma e torna mais bela a nossa vida. Como é bom deixar-se surpreender pela chamada de Deus, acolher a sua Palavra, pôr os passos da vossa vida nas pegadas de Jesus, na adoração do mistério divino e na generosa dedicação aos outros! A vossa vida tornar-se-á cada dia mais rica e feliz.

A Virgem Maria, modelo de toda a vocação, não teve medo de pronunciar o seu «*fiat*» à chamada do Senhor. Ela acompanha-nos e guia-nos. Com a generosa coragem da fé, Maria cantou a alegria de sair de Si mesma e confiar a Deus os seus planos de vida. A Ela nos dirigimos pedindo para estarmos plenamente disponíveis ao desígnio que Deus tem para cada um de nós; para crescer em nós o desejo de sair e caminhar, com solicitude, ao encontro dos outros (cf. *Lc* 1, 39). A Virgem Mãe nos proteja e interceda por todos nós.

Vaticano, 29 de Março – Domingo de Ramos – de 2015.

Franciscus PP

Homem e mulher são imagem de Deus

*Catequese do Papa Francisco, na audiência geral
de 15 de abril.*

A catequese de hoje é dedicada a um aspecto central do tema da família: o grande dom que Deus ofereceu à humanidade com a criação do homem e da mulher, e com o sacramento do ma-

trimónio. Esta catequese e a próxima serão dedicadas à diferença e à complementaridade entre o homem e a mulher, que estão no ápice da criação divina; depois, nas duas que se seguirão, serão abordados outros temas do Matrimónio.

Começemos com um breve comentário à primeira narração da criação, contida no Livro do Génesis. Ali lemos que Deus, depois de ter criado o universo e todos os seres vivos, criou a obra-prima, isto é o ser humano, e fê-lo à sua própria imagem: «Criou-o à imagem de Deus; criou-os varão e mulher» (Gn 1, 27), assim reza o Livro do Génesis.

E como todos nós sabemos, a diferença sexual está presente em muitas formas de vida, na longa escala dos seres vivos. Mas unicamente no homem e na mulher ela tem em si a imagem e a semelhança de Deus: o texto bíblico repete-o três vezes, em dois versículos (26-27): homem e mulher são imagem e semelhança de Deus. Isto diz-nos que não apenas o homem em si mesmo é imagem de Deus, não só a mulher em si mesma é imagem de Deus, mas também o homem e a mulher, como casal, são imagem de Deus. A diferença entre homem e mulher não é para a contraposição, nem para a subordinação, mas para a comunhão e a geração, sempre à imagem e semelhança de Deus.

É a experiência que no-lo ensina: para se conhecer bem e crescer harmoniosamente, o ser humano tem necessidade da reciprocidade entre homem e mulher. Quando isto não se verifica, as consequências são evidentes. Somos feitos para nos ouvir e ajudar reciprocamente. Podemos dizer que sem o enriquecimento mútuo neste relacionamento — no pensamento e na acção, nos afectos e no trabalho, mas também na fé — os dois não conseguem nem sequer entender até ao fundo o que significa ser homem e mulher.

A cultura moderna e contemporânea abriu novos espaços, outras liberdades e renovadas profundidades para o enriquecimento da compreensão desta diferença. Mas introduziu inclusive muitas dúvidas e um grande cepticismo. Por exemplo, pergunto-me se a chamada teoria do gender não é também expressão de uma frus-

tração e resignação, que visa cancelar a diferença sexual porque já não sabe confrontar-se com ela. Sim, corremos o risco de dar um passo atrás. Com efeito, a remoção da diferença é o problema, não a solução. Ao contrário, para resolver as suas problemáticas de relação, o homem e a mulher devem falar mais entre si, ouvir-se e conhecer-se mais, amar-se mais. Devem tratar-se com respeito e cooperar com amizade. Só com estas bases humanas, sustentadas pela graça de Deus, é possível programar a união matrimonial e familiar para a vida inteira. O vínculo matrimonial e familiar é algo sério, e para todos, não apenas para os crentes. Gostaria de exortar os intelectuais a não desertar este tema, como se fosse secundário para o compromisso a favor de uma sociedade mais livre e mais justa.

Deus confiou a terra à aliança do homem e da mulher: a sua falência torna árido o mundo dos afectos e ofusca o céu da esperança. Os sinais já são preocupantes, como podemos ver. Gostaria de indicar, entre muitos, dois pontos que na minha opinião devem comprometer-nos com maior urgência.

Primeiro. É indubitável que devemos fazer muito mais a favor da mulher, se quisermos dar nova força à reciprocidade entre homens e mulheres. Com efeito, é necessário que a mulher não seja só mais ouvida, mas que a sua voz tenha um peso real, uma autoridade reconhecida tanto na sociedade como na Igreja. O próprio modo como Jesus considerava a mulher num contexto menos favorável que o nosso, porque naquela época a mulher ocupava realmente o segundo lugar, e Jesus considerou-a de uma maneira que lança uma luz poderosa, que ilumina um caminho que vai longe, do qual percorrermos apenas um breve trecho. Ainda não entendemos em profundidade aquilo que nos pode proporcionar o génio feminino, o que a mulher pode oferecer à sociedade e também a nós: a mulher sabe ver tudo com outros olhos, que completam o pensamento dos homens. Trata-se de uma senda que devemos percorrer com mais criatividade e audácia.

Uma segunda reflexão diz respeito ao tema do homem e da mulher criados à imagem de Deus. Pergunto-me se a crise de

confiança colectiva em Deus, que nos causa tantos males, nos faz adoecer de resignação à incredulidade e ao cinismo, não esteja também relacionada com a crise da aliança entre homem e mulher. Com efeito, a narração bíblica, com o grande afresco simbólico no paraíso terrestre e o pecado original, diz-nos precisamente que a comunhão com Deus se reflecte na comunhão do casal humano e a perda da confiança no Pai celeste gera divisão e conflito entre homem e mulher.

Eis a grande responsabilidade da Igreja, de todos os crentes, e antes de tudo das famílias crentes, para redescobrir a beleza do desígnio criador que inscreve a imagem de Deus também na aliança entre o homem e a mulher. A terra enche-se de harmonia e de confiança quando a aliança entre homem e mulher é vivida no bem. E se o homem e a mulher a procuram juntos entre si e com Deus, sem dúvida encontram-na. Jesus encoraja-nos explicitamente ao testemunho desta beleza que é a imagem de Deus.

A mulher não é uma «réplica» do homem

Na Audiência Geral de 22 de abril o Papa Francisco lembrou que «a mulher não é uma 'réplica' do homem».

Na precedente catequese sobre a família, meditei sobre a primeira narração da criação do ser humano, no primeiro capítulo do Génesis, onde está escrito: «Deus criou o homem à sua imagem, à sua imagem Deus criou-os; criou-os varão e mulher» (1, 27).

Hoje gostaria de completar a reflexão com a segunda narração, que encontramos no capítulo 2. Ali lemos que o Senhor, depois de ter criado o céu e a terra, «plasmou, pois, o homem do barro da terra, soprou nas suas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se um ser vivo» (2, 7). É o ápice da criação. Mas falta algo: em seguida, Deus coloca o homem num lindo jardim, para que o cultive e preserve (cf. 2, 15).

O Espírito Santo, que inspirou a Bíblia inteira, sugere por um momento a imagem do homem só — falta-lhe algo — sem a mulher. E sugere o pensamento de Deus, quase o sentimento de Deus que o vê, que observa Adão sozinho no jardim: é livre, é senhor... mas está sozinho. E Deus vê que isto «não é bom»: é como uma falta de comunhão, falta-lhe uma comunhão, há uma falta de plenitude. «Não é bom» — diz Deus — e acrescenta: «quero oferecer-lhe uma ajuda que lhe seja adequada» (2, 18).

Então, Deus apresenta ao homem todos os animais; o homem dá um nome a cada um deles — e esta é outra imagem do senhorio do homem sobre a criação — mas em nenhum animal encontra alguém semelhante a si mesmo. O homem continua sozinho. Quando, finalmente, Deus apresenta a mulher, o homem reconhece exultante que aquela criatura — e somente aquela — faz parte dele: «osso dos meus ossos, carne da minha carne» (2, 23). Finalmente há um reflexo, uma reciprocidade. Quando uma pessoa — trata-se de um exemplo para compreender bem isto — quer dar a mão à outra, deve tê-la diante de si: se alguém dá a mão, mas não há ninguém à sua frente, a mão permanece ali... falta-lhe a reciprocidade. Assim era o homem, pois faltava-lhe algo para alcançar a sua plenitude, faltava-lhe a reciprocidade. A mulher não é uma «réplica» do homem; ela deriva directamente do gesto criador de Deus. A imagem da «costela» não exprime de modo algum uma inferioridade ou subordinação mas, pelo contrário, que o homem e a mulher são da mesma substância, são complemen-

tares, e que também possuem esta reciprocidade. E a constatação de que — ainda na parábola — Deus plasma a mulher enquanto o homem dorme ressalta precisamente que ela não é de modo algum uma criatura do homem, mas de Deus. E sugere também algo mais: para encontrar a mulher — e, podemos dizer, para encontrar o amor na mulher — o homem deve primeiro sonhá-la e depois encontrá-la.

A confiança que Deus tem no homem e na mulher, aos quais confia a terra, é generosa, directa e completa. Confia neles. No entanto, eis que o maligno introduz na sua mente a suspeita, a incredulidade e a desconfiança. Enfim, chega a desobediência ao mandamento que os salvaguardava. Eles caem naquele delírio de onnipotência que polui tudo e destrói a harmonia. Também nós o sentimos dentro de nós muitas vezes, todos!

O pecado gera desconfiança e divisão entre o homem e a mulher. A sua relação será ameaçada por mil formas de prevaricação e de subjugação, de sedução enganadora e de prepotência humilhante, até às mais dramáticas e violentas. A história tem em si os vestígios disto. Pensemos, por exemplo, nos excessos negativos das culturas patriarcais. Pensemos nas múltiplas formas de machismo, quando a mulher era considerada de segunda classe. Pensemos na instrumentalização e comercialização do corpo feminino na cultura mediática contemporânea. Mas pensemos inclusive na recente epidemia de desconfiança, de cepticismo e até de hostilidade, que se propaga na nossa cultura — de maneira particular, a partir de uma compreensível desconfiança das mulheres — a propósito de uma aliança entre o homem e a mulher, que seja capaz de aperfeiçoar a intimidade da comunhão e, ao mesmo tempo, de salvaguardar a dignidade da diferença.

Se não encontrarmos um sobressalto de simpatia por esta aliança, capaz de proteger as novas gerações contra a desconfiança e a

indiferença, os filhos virão ao mundo cada vez mais desenraizados da mesma, desde o ventre materno. A desvalorização social da aliança estável e generativa do homem e da mulher é sem dúvida uma perda para todos. Devemos restituir a honra ao matrimônio e à família! A Bíblia diz algo muito bonito: o homem encontra a mulher; eles encontram-se e o homem deve deixar algo para a encontrar plenamente. Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe para ir ao encontro da mulher. É bonito! Isto significa começar a percorrer um novo caminho. O homem é todo para a mulher, e a mulher é inteiramente para o homem.

Por conseguinte, a preservação desta aliança entre o homem e a mulher, embora sejam pecadores e feridos, estejam confundidos e humilhados, desanimados e incertos, é para nós crentes uma vocação exigente e cheia de paixão nas condições de hoje. A mesma narração da criação e do pecado, na sua conclusão, confia-nos um ícone muito bonito: «O Senhor Deus fez vestes de pele para Adão e para a sua mulher, e vestiu-os» (Gn 3, 21). Trata-se de uma imagem de ternura em relação àquele casal de pecadores, que nos deixa boquiabertos: a ternura de Deus pelo homem e pela mulher! É uma imagem de guarda paternal do casal humano. É o próprio Deus quem cuida e salvaguarda a sua obra-prima!

A família, obra prima de Deus

O Papa Francisco, na Audiência Geral de 29 de abril, interrogou-se sobre os motivos que levam muitos jovens a não quererem casar.

Depois de ter considerado as duas narrações do Livro do Génesis, agora a nossa reflexão acerca do desígnio originário de Deus sobre o casal homem-mulher dirige-se directamente a Jesus.

No início do seu Evangelho, o evangelista João narra o episódio das bodas de Caná, nas quais estavam presentes a Virgem Maria e Jesus, com os seus primeiros discípulos (cf. Jo 2, 1-11). Jesus não só participou naquele matrimónio, mas «salvou a festa» com o milagre do vinho! Portanto, Ele realizou o primeiro dos seus sinais prodigiosos, com o qual revela a sua glória, no contexto de um casamento, e foi um gesto de grande simpatia por aquela família nascente, solicitado pelos cuidados maternos de Maria. Isto faz-nos recordar o livro do Génesis, quando Deus conclui a obra de criação e faz a sua obra-prima; a sua obra-prima é o homem e a mulher. E aqui Jesus começa os seus milagres, precisamente com esta obra-prima, num casamento, numa festa de núpcias: um homem e uma mulher. Assim, ensina que a obra-prima da sociedade é a família: o homem e a mulher que se amam. Esta é a obra-prima!

Desde a época das bodas de Caná muitas coisas mudaram, mas aquele «sinal» de Cristo contém uma mensagem sempre válida.

Hoje não parece fácil falar do matrimónio como de uma festa que se renova no tempo, nas várias fases da vida inteira dos cônjuges. É uma realidade que as pessoas se casam cada vez menos; é real: os jovens não querem casar. Por outro lado, em muitos países

aumenta o número de separações, e diminui o número de filhos. A dificuldade de permanecer unidos — quer como casal, quer como família — leva a interromper os vínculos com frequência e rapidez cada vez maiores, e são precisamente os filhos os primeiros a sofrer as consequências. Mas devemos pensar nisto, as primeiras vítimas, as vítimas mais importantes, as vítimas que mais padecem numa separação são os filhos. Se alguém experimenta desde a infância que o matrimónio é um vínculo «temporário», inconscientemente para esta pessoa será assim. Com efeito, muitos jovens são impelidos a renunciar ao próprio programa de um vínculo irrevogável e de uma família duradoura. Acho que devemos meditar com grande seriedade sobre o motivo pelo qual tantos jovens «não estão dispostos» a casar. Existe uma cultura do provisório... tudo é provisório, parece que não existe algo definitivo.

Uma das preocupações que sobressaem nos dias de hoje é a dos jovens que não querem casar: por que razão os jovens não se casam? Por que motivo, muitas vezes, preferem uma convivência, «com uma responsabilidade limitada»? Por que muitos — inclusive entre os baptizados — têm pouca confiança no matrimónio e na família? É importante procurarmos compreender, se quisermos que os jovens encontrem o caminho recto para seguir. Por que razão não têm confiança na família?

As dificuldades não são apenas de natureza económica, embora elas sejam verdadeiramente sérias. Muitos julgam que a mudança ocorrida nestas últimas décadas foi causada pela emancipação da mulher. Mas nem sequer este argumento é válido, é falso, não é verdade! Trata-se de uma forma de machismo, que quer sempre dominar a mulher. Nós fazemos a má figura que fez Adão, quando Deus lhe disse: «Por que motivo comeste o fruto da árvore», e ele retorquiu: «Foi a mulher que mo deu». E a culpa é da mulher. Coitada da mulher! Devemos defender as mulheres! Na realidade, quase todos os homens e mulheres gostariam de ter uma segurança

afectiva estável, um matrimónio sólido e uma família feliz. A família ocupa o primeiro lugar em todos os índices de agradabilidade entre os jovens; contudo, pelo receio de errar, muitos nem sequer desejam pensar nisto; não obstante sejam cristãos, não pensam no matrimónio sacramental, sinal singular e irrepetível da aliança, que se torna testemunho de fé. Talvez precisamente este medo de fracassar seja o maior obstáculo para receber a palavra de Cristo, que promete a sua graça à união conjugal e à família.

O testemunho mais persuasivo da bênção do matrimónio cristão é a vida boa dos esposos cristãos e da família. Não há modo melhor para transmitir a beleza do Sacramento! O matrimónio consagrado por Deus preserva o vínculo entre o homem e a mulher que Deus abençoou desde a criação do mundo; e é manancial de paz e de bem para toda a vida conjugal e familiar. Por exemplo, nos primeiros tempos do Cristianismo, esta grande dignidade do vínculo entre o homem e a mulher debelou um abuso então considerado totalmente normal, ou seja, o direito que os maridos tinham de repudiar as esposas, até pelos motivos mais pretensivos e humilhantes. O Evangelho da família, o Evangelho que anuncia precisamente este Sacramento derrotou a cultura do repúdio habitual.

Hoje, a semente cristã da igualdade radical entre os cônjuges deve dar novos frutos. O testemunho da dignidade social do matrimónio tornar-se-á persuasivo precisamente deste modo, pela via do testemunho que atrai, pela senda da reciprocidade e da complementaridade entre si.

Por isso, como cristãos, devemos tornar-nos mais exigentes a este propósito. Por exemplo: defender com determinação o direito à igual remuneração por um trabalho igual; por que razão se dá por certo que as mulheres devem ganhar menos do que os homens? Não! Têm os mesmos direitos! A desigualdade é um puro escândalo.

lo! Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer como riqueza sempre válida a maternidade das mulheres e a paternidade dos homens, sobretudo em benefício dos filhos. De igual modo, hoje em dia a virtude da hospitalidade das famílias cristãs tem uma importância crucial, especialmente em situações de pobreza, de degradação e de violência familiar.

Caros irmãos e irmãs, não tenhamos medo de convidar Jesus para as bodas, de o convidar para vir à nossa casa, a fim de permanecer ao nosso lado e preservar a família. E não tenhamos receio de convidar também a sua Mãe Maria! Quando se casam «no Senhor», os cristãos são transformados num sinal eficaz do amor de Deus. Os cristãos não se casam exclusivamente para si mesmos: casam no Senhor, a favor de toda a comunidade, da sociedade inteira.

Também na próxima catequese falarei sobre esta bonita vocação do matrimónio cristão.

Ajuda do Papa aos sem-abrigo

Mais uma iniciativa de caridade do Papa Francisco, nos dias de Páscoa: enquanto presidia à Via-Sacra no Coliseu, na Sexta-feira Santa, o seu elemosineiro, o polonês Konrad Krajewski, distribuía envelopes com dinheiro a 300 sem-teto que dormem nos arredores das estações ferroviárias de Roma. Esta foi a segunda vez que o gesto se realizou na noite de Sexta-Feira Santa.

“Don Conrado”, como é conhecido o esmoleiro, acompanhado por um Oficial da Esmolaria do Vaticano, Mons. Diego Ravelli, foi às estações de São Pedro, Termini, Tiburtina e outras para distribuir

o donativo do Papa entre os moradores de rua. Nos 300 envelopes havia um cartão do Papa com seus votos de Páscoa, uma foto de Francisco e uma quantia em dinheiro. “Uma pequena carícia do Papa”, era o que os dois diziam ao entregar o envelope. “Muitos, visivelmente emocionados, beijaram a fotografia de Francisco, pedindo para lhe agradecer pessoalmente”, relata o jornal do Vaticano, ‘L’Osservatore Romano’.

Desde que o nomeou como ‘elemosineiro’, o Papa pediu a Dom Krajewski que sáísse pessoalmente para encontrar os necessitados e não permanecesse atrás de uma escrivaninha.

Além de dinheiro, ‘Dom Conrado’ já distribuiu guarda-chuvas e sacos de dormir para os sem-teto e organizou a construção de duches para que a população de rua pudesse tomar banho, e também de uma barbearia. Um grupo de sem-teto chegou até mesmo a visitar o Museu Vaticano e a Capela Sistina.

Um dos barbeiros voluntários, Marco Patton, que cada segunda-feira oferece o seu serviço na barbearia, recebeu de presente, domingo, 5, um ovo de Páscoa do Pontífice, entregue por Dom Krajewski.

S. Gregório de Narek, Doutor da Igreja

São Gregório de Narek foi proclamado pelo Papa Francisco Doutor da Igreja, em 12 de abril.

São Gregório de Narek foi proclamado pelo Papa Francisco, Doutor da Igreja, em 12 de abril. Trata-se de um místico arménio,

que viveu no final do primeiro milênio e que se tornou conhecido pelos seus escritos e doutrina.

O mais amado e mais lido entre os Santos armênios – disse o Papa – soube expressar mais do que qualquer outro a sensibilidade do seu povo, dando voz ao grito que se torna oração, de uma humanidade dolorida e pecadora, oprimida pela angústia da própria impotência mas iluminada pelo esplendor do amor de Deus”, “capaz de transformar todas as coisas”.

A proclamação deu-se por ocasião da celebração do centenário do martírio armênio, realizada na manhã do II Domingo de Páscoa na Basílica vaticana.

Nascido em uma família de escritores, Gregório de Narek é considerado o primeiro grande poeta armênio e um marco importante na literatura e reflexão cristã; foi autor, entre outras obras, do “Livro das Lamentações”, hoje traduzido em diversas línguas.

Através desta obra, o monge quis deixar como testamento espiritual uma autêntica enciclopédia de oração, composta por 95 textos, que deixam transparecer todo o potencial do autor em transformar suas emoções, como o sofrimento e a humildade, em oblações a Deus.

Para este monge armênio, o principal objetivo da vida era a intimidade com Deus, pois só assim a humanidade poderia viver uma vida realmente plena. Uma unidade que era possível, não somente pelo conhecimento, mas também através das emoções.

Gregório nasceu na Armênia pelo ano de 944, e faleceu em Narek (Turquia) mais ou menos em 1005. É um dos grandes poetas da literatura universal. As suas obras-primas resumem-se no “Livro das Orações”, uma obra de cerca de 20.000 versos que ele dizia ter composto em três anos.

Entrou ainda jovem para o mosteiro de Narek, governado por Ananias, o Filósofo, seu tio materno. Ali devia passar a vida inteira.

Ao ser ordenado sacerdote, foi encarregado de formar os noviços e, ao mesmo tempo, reformar os conventos vizinhos.

Tais encargos, que se somaram aos seus talentos, causaram grandes inimizades e perseguições. Foi acusado de heresia, para ser deixado definitivamente na sombra. Mas Deus foi em auxílio do seu poeta, comprovando aos seus acusadores que um herege não poderia realizar os prodígios que fazia.

4.

Recensões



Título: José o Esposo de Maria

Autor: M. Fernando Silva

Editora: Paulinas

José o Esposo de Maria é uma «biografia» do Pai legal de Jesus, com que o Autor, Cónego Manuel Fernando Sousa e Silva, pretende «ajudar-nos a descobrir um pouco mais a grandeza daquele que Deus escolheu para desempenhar, na Terra, a missão de pai adotivo

do Filho de Deus».

São poucos os textos do Evangelho que nos falam dele: a sua aflição, quando toma conhecimento de que Maria vai ser mãe do Redentor, sentindo-se um intruso naquele mistério; a caminhada para Belém e a procura de um lugar para o nascimento; a fuga inesperada para o Egito e o regresso a Nazaré; a procura angustiada de Jesus, quando este ficou no templo com os doutores da Lei, e a alegria do reencontro.

José, escreve o Autor, «sabe habilidosamente ficar na sombra, para que não atentemos na sua grandeza. Para mais, em todas as situações, guarda um silêncio inviolável que leva a não chamar a atenção para si.

Quando, porém, meditamos em cada um destes episódios, a sua estatura moral vai crescendo até nos deslumbrar».

Além da «biografia» de S. José, traçada em mais de duzentas páginas através de quinze capítulos, Fernando Silva dedica três dezenas de páginas à devoção do Papa Francisco ao casto esposo de Maria.

Doutorado em Direito Canónico, Manuel Fernando Sousa e Silva é professor de Direito Sacramental no Seminário Conciliar de Braga e professor emérito de Direito Canónico da Faculdade de Teologia da Universidade Católica. É membro do Cabido da Sé de Braga e Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese. Dirige a revista bimensal *Celebração Litúrgica*.

| | |
|---------------------------|-----|
| 5 – Religiosos/as | |
| Notícias diversas..... | 585 |
| 6 – Património | |
| Notícias diversas..... | 586 |
| 7 – Educação da Fé | |
| Notícias diversas..... | 587 |
| 8 – Apostolado dos Leigos | |
| Notícias diversas..... | 589 |
| 9 – Pastoral Social | |
| Notícias diversas..... | 592 |

2. DA IGREJA EM PORTUGAL

| | |
|-------------------------------|-----|
| Assembleia Plenária | |
| da Conferência Episcopal..... | 597 |
| Visita da imagem peregrina | |
| às dioceses de Portugal | 600 |

3. DA SANTA SÉ

| | |
|--|-----|
| Misericordiae Vultus..... | 607 |
| O cansaço dos sacerdotes | 634 |
| Papa lava pés a presos..... | 641 |
| Mensagem urbi et orbi..... | 644 |
| Teresa de Jesus, mestra de oração | 647 |
| O êxodo, experiência fundamental | |
| da vocação | 650 |
| Homem e mulher são imagem de Deus | 654 |
| A mulher não é uma «réplica» do homem | 657 |
| A família, obra prima de Deus | 661 |
| Ajuda do Papa aos sem-abrigo | 664 |
| S. Gregório de Narek, Doutor da Igreja | 665 |

4. RECENSÕES

| | |
|------------------------------|-----|
| José o Esposo de Maria | 671 |
|------------------------------|-----|

